



Comitê para Proteção dos Jornalistas lista os dez piores países para a prática da profissão. E dá as causas



Curso de Jornalismo
da UFSC
Florianópolis
3 de junho de 2004
Ano XIX - Nº 4

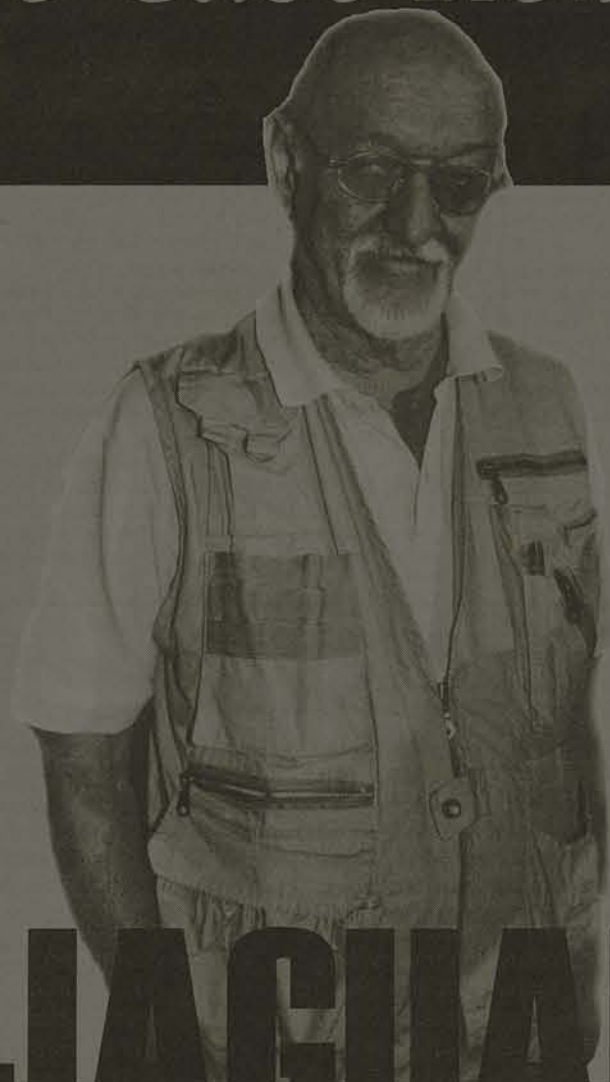
ZERO

The New York Times

A Crise de

CREDIBILIDADE

e o Caso Rohrer



Daily Mirror
publica fotos
forjadas. Admite
erro na capa e
pune editor



Washington Post
adota novo
manual que
restringe uso do
off the record

DIVIRTA-SE NA ENTREVISTA:

JAGUAR

UM DOS PAIS DO PASQUIM

Liberdade cada vez mais restrita

WAN publica estudo sobre perseguição e assassinatos de jornalistas, indicando crescimento da censura no mundo

ERRAMOS

Por um lapso de editoração, foi suprimido um trecho da reportagem *Viajando pela Austrália*, assinada por Mariana Dauwe e publicada na página central da última edição do *Zero* (Ano XIX, nº 3). A parte omitida está em itálico, com os trechos anteriores e posteriores grafados em corpo normal:

"E tinha em mente alguns preconceitos que nós brasileiras temos de lidar quando estamos em outro país. O que só piorou quando arranjei um emprego, tão logo me instalei na cidade.

Era um bar e restaurante chamado Friday's, local onde os brasileiros do curso de inglês iam todas as quintas-feiras - dia da promoção: cerveja e drinks por um dólar até a meia-noite. Fui com eles na minha primeira semana, estranhando tudo: a cara das pessoas, os cabelos, as roupas, as atitudes. Num golpe de coragem, perguntei a um funcionário com quem eu deveria falar para pedir emprego. Perguntei por perguntar, no auge da insegurança com meu inglês de quatro anos de cursinho no Brasil. A resposta veio direta e surpreendente, quase cai no chão: "É comigo mesmo: eu sou o gerente". Era um australiano chamado John, de mais ou menos quarenta anos e cabelos compridos. Estava no bar todas as noites, sempre com uma mulher diferente, o que, a princípio, me deixou em dúvida se a sua boa vontade não era um prenúncio de que logo iria tentar algo comigo também. Felizmente isso não aconteceu durante os três meses que trabalhei lá como bartender, preparando e servindo drinks de todo o tipo. É claro que John não era o único gerente: o lugar era enorme, e o big boss era Charles, um senhor bem mais respeitável, que não fez nenhuma objeção ao fato de eu ser estrangeira, nunca ler trabalhado na vida e não entender muito bem o sotaque australiano.

Durante mais de três meses trabalhei quatro vezes por semana, de nove a doze horas por noite, muitas vezes fechando o bar pela manhã. Ganhava, líquido e depositado numa conta no banco, AU\$ 12 por hora (o dólar australiano vale um pouco menos que o dólar americano, que andava na casa dos R\$ 1,80). O visto de estudante me permitia trabalhar até 20 horas por semana, mas acho que ninguém sabia desse detalhe, pois eu cumpria praticamente o dobro".

Em comemoração ao Dia Mundial da Liberdade de Imprensa, três de maio, a Associação Mundial de Jornais (WAN na sigla em inglês) lançou a campanha *A imprensa livre beneficia a todos*, divulgando uma série de anúncios, charges, informações e entrevistas com líderes mundiais sobre a situação do jornalismo no mundo. Entre as entrevistas divulgadas este ano, está a do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, falando da importância de haver uma imprensa independente para a construção de um país democrático. A data, escolhida há 11 anos durante a Assembléia Geral da Unesco, para o Dia Internacional da Liberdade de Imprensa comemora a Declaração de Windhoek feita por jornalistas africanos em 1991 para promover uma imprensa africana livre e pluralista.

Na ocasião, mais de 100 jornalistas participaram de uma conferência na capital da Namíbia, para discutir a independência da imprensa no continente. O encontro durou cinco dias e o resultado foi a chamada Declaração de Windhoek. O documento exigia dos governos africanos artigos específicos que contemplassem a pluralidade e a liberdade de imprensa. O evento promovido pela Unesco e pelas Nações Unidas repercutiu em todo mundo e trouxe resultados para a mídia africana.

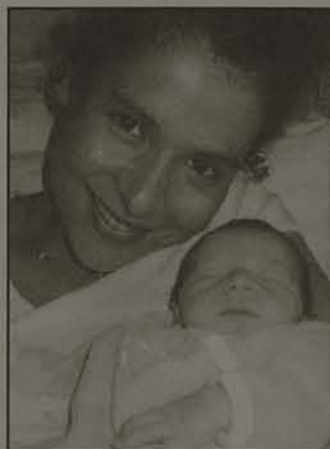
A onda de tolerância e liberdade de imprensa na África cresceu depois da Declaração de Windhoek. Os jornalistas passaram a ter coragem e serem mais francos e objetivos ao relatar os fatos. Países como a África do Sul, Gana e o Senegal, onde as pressões políticas não permitiam o exercício da profissão com independência, apresentam uma imprensa plural e livre. Não é o que pensam alguns líderes políticos do continente que ainda consideram uma ameaça às suas administrações a liberdade irrestrita da mídia. No Zaire um jornalista confessou que "exercer a profissão significa ser um freqüentador de prisões". Em Benin, dos 50 jornais independentes surgidos nos anos 90, somente

menos que dez sobreviveram até o fim da década.

Para Timothy Balding, diretor geral da Associação Mundial de Jornais, três de maio, além de ser comemorado, também deve ser um dia de luto pelos jornalistas assassinados e uma ocasião para expressar solidariedade e apoio aos colegas que não conseguem exercer a profissão com dignidade em seus países. Muitos lugares ainda mantêm a censura e a perseguição aos jornalistas. Nos últimos anos, vem crescendo o número de profissionais assassinados durante o trabalho. Ele enfatiza que o objetivo da campanha também é revelar que a imprensa livre beneficia a todos.

O material apresentado pela Associação Mundial de Jornais contém um panorama de desenvolvimento da liberdade de imprensa, gráficos, tabelas e estudos de casos sobre jornalistas assassinados e presos em todo o mundo. Francisco Mesquita Neto, presidente da Associação Nacional de Jornais (ANJ), defendeu a participação dos jornais brasileiros na campanha através da publicação do material da WAN e de material editorial sobre a data.

Além disso, a associação entrevistou personalidades de todo mundo sobre assuntos ligados a liberdade de imprensa. Um deles é o presidente Lula que tratou, entre outras coisas, sobre a situação da imprensa no Brasil e como ela pode ajudar no desenvolvimento da nação. "A imprensa livre desempenha um papel preponderante na promoção do desenvolvimento econômico de países como o Brasil", depõe Lula, "e se pode dizer que tem havido um progresso considerável com relação a liberdade de imprensa em nosso país, assim com no resto do continente sul-americano".



Mariane: mídia enfrenta o medo

no", acrescenta, lembrando dos longos períodos de ditaduras militares ocorridas em vários países onde a censura foi constante.

Os outros entrevistados foram Bono Vox, vocalista do grupo de rock U2, Mariane Pearl, jornalista e viúva de Daniel Pearl, repórter do *Wall Street Journal* assassinado por terroristas no Paquistão em 2002, e o Dalai Lama, líder espiritual do povo tibetano. Bono cobra que os meios de comunicação devem sempre dizer a verdade do que está ocorrendo. "A imprensa deve desmentir mitos, como a crença na África meridional de que manter relações com mulheres virgens pode curar os homens da Aids", lamenta o vocalista.

Para Mariane Pearl, a morte do marido converteu-a de que a função crucial dos jornalistas nos próximos anos é enfrentar a guerra psicológica que os terroristas estão travando. "Com seus ataques, os terroristas estão buscando inspirar medo e desconfiança. Os jornalistas devem dar voz às pessoas, particularmente aos muçulmanos que possuem tanto temor para se expressar". Dalai Lama defende que o objetivo dos meios de comunicação não devem ser políticos ou financeiros, mas antes humanos. E questiona sobre a liberdade de imprensa: "se a independência significa ausência total de limites ou de princípios, que utilidade tem essa liberdade?" Além das entrevistas, também são apresentados artigos escritos por Sihem Bensedrine, jornalista tunisiana; Jim Wolfensohn, presidente do Banco Mundial e Amartya Sen, ganhador do Prêmio Nobel de Economia. Os textos tratam da liberdade de imprensa no mundo.

Saiba mais: www.worldpressfreedomday.org

Imprensa argentina sofre 40 ataques em 2004

A situação na Argentina não está nada fácil para os jornalistas. Somente no ano passado, foram registrados 159 ataques contra a liberdade de expressão em todo o país. As ameaças, a violência física e os processos judiciais lideraram a lista de agressões à imprensa. Com relação a 2002, o número caiu 32%, no entanto os dois períodos são de difícil comparação, pois a realidade política, econômica e social era diferente. Os dados foram apresentados no lançamento do livro *Ataques a la Prensa* pela Associação para a Defesa do Jornalismo Independente (Periodistas) em Buenos Aires no dia 3 de maio.

Entre os 159 casos de ataques aos jornalistas, 46 foram de ameaças, 31 de violência física e 31 de processos judiciais. A quantidade das agressões foi menor que 2002, que teve 234 casos; os processos judiciais foram o que mais tiveram queda, seguindo da censura de programas e da demissão de jornalistas por divergências ideológicas. No entanto, segundo o livro da Periodistas, mesmo os números de 2003 serem menores, isso não revela que tenha melhorado a situação da imprensa.

Isso porque, o cenário de 2002 era o de revolta popular pela crise econômica e intensa repressão da polícia e do governo. Além disso com relação a 1999, 2000 e 2001, 2003 teve índices superiores de atentados contra a liberdade de expressão.

"O ano passado representou o começo de uma nova país e por isso não ter poderia ter apresentado tantos casos de perseguição à imprensa", lamentou a Periodistas.

A realidade da Argentina mostra um crescimento no número de restrições à liberdade de imprensa, que se apresentam de forma discreta, porém eficaz. Um exemplo, de acordo com a Periodistas, é a distribuição da publicidade do governo argentino que está sendo usada como uma poderosa arma de controle da imprensa. Ainda, sem contar 2002, o crescente número de casos de jornalistas na justiça está obrigando a Associação a intensificar o assessoramento de profissionais em todo o país.

Além da censura imposta pelas autoridades, há também a autocensura dos argentinos. Segundo relato do livro *Ataques a la Prensa*, o autocontrole está presente nos meios tradicionais de imprensa e também nos meios comunitários, alternativos e sociais. O motivo de tanto medo é que o governo se mostra cada vez menos tolerante com as críticas de veículos independentes.

Prova disso foi a recente intervenção federal na Província Santiago del Estero. Em novembro de 2003, a Periodistas havia mandado uma carta ao governo federal reclamando da situação da mídia de Santiago del Estero. Um trecho da carta dizia "aqueles que pretendem exercer uma crítica

independente são perseguidos de formas variadas como as agressões físicas, espionagens, ameaças, prisões e o permanente corte da verba publicitária estatal". O informe soou como uma provocação ao governo que acabou intervindo na região.

Na Argentina, há um projeto de lei que acaba com as penas por delitos, calúnias e injúrias, muito usados para prender jornalistas. Além disso, também há uma nova Lei de Radiodifusão tramitando no Congresso, extinguindo a antiga que foi criada na época da ditadura militar. A Periodistas confessa que no ano de 2003, a Argentina apresentou uma melhoria em matéria de direitos humanos, mas ainda tem muito o que melhorar em matéria de liberdade de expressão.

"Parece que 2004 está seguindo o mesmo rumo que 2003", lamenta a Periodistas. Os quatro primeiros meses deste ano registraram 40 casos de ataques à imprensa, número parecido com a média do ano passado. "Esta permanência de leis rígidas e o crescimento de formas cada vez mais sutis de censura obrigam a nos matarmos em alerta permanente e protestando por uma imprensa cada vez mais livre para informar e opinar", conclui a Associação.

Textos: **Giselle Tiscoski**

ZERO

ANO XIX - Nº 4 - JUNHO 2004 - CURSO DE JORNALISMO - CCE - JOR - UFSC
 Jornal-laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina
Arte: Ildo Golfetto **Apoio:** Labfoto, LabInfografia, LabRádio **Colaboração:** Radiobras, Unesco, Zédassilva **Copy-writer:** Ricardo Barreto **Direção de Arte e de Redação:** Jornalista e professor Ricardo Barreto **Editores-assistentes:** Alexandre Brandão, Upiara Boschi, Wendel Martins **Secretaria de Redação:** Giselle Tiscoski **Serviços editoriais:** Associação Mundial de Jornais, Associated Press, BBC, *Clarín*, Comitê para Proteção dos Jornalistas, *Correio Braziliense*, *Daily Mirror*, Daniel Pearl Foundation, Democracy Now, *Editor&Publisher*, EFE, *Folha de São Paulo*, *Los Angeles Times*, *Newsweek*, *New York Times*, Observatório de Imprensa, *O Estado de São Paulo*, *O Globo*, Poynter, Reuters, Slate, *The Guardian*, *The Independent*, *The Washington Post*, *Time*, Univesia, *USA Today* **Edição:** Alexandre Brandão, Tadeu Martins (Sênior), Camille Bropp, Fernando Angeoletto, Giselle Tiscoski, Paula Scheidt, Vanessa Clasen **Editoração eletrônica, produção gráfica e circulação:** Wendel Martins **Tratamento de imagens:** Alexandre Brandão, Wendel Martins **Fotografia:** Alexandra Godoy, Fernando Angeoletto, Sinuê Giacomini, Wladimir D'Andrade **Laboratório fotográfico:** Wladimir D'Andrade **Textos:** Alexandre Brandão, Camille Bropp, Fernando Angeoletto, Giselle Tiscoski, Mariana Hinkel, Tadeu Martins, Vanessa Clasen, Wellington Campos **Impressão:** Diário Catarinense **Redação:** Curso de Jornalismo (UFSC-CCE-JOR), Trindade, CEP 88040-900, Florianópolis, SC **Telefones:** 55(48) 331-6599, 331-9490, 331-9215 **Fax:** (48) 331-9490 **Sítio:** www.zero.ufsc.br **Webmaster:** Mariana Romani, Tadeu Martins **E-mail:** zero@cce.ufsc.br **Circulação:** Nacional, gratuita e dirigida **Tiragem:** 5.000 exemplares



Melhor Peça Gráfica
 I, II, III, IV, V e XI Set Universitário - PUC-RS
 88, 89, 90, 91, 92 e 98

e-ZERO

3º Melhor
 Jornal-laboratório do Brasil
 Expocom 94

Melhor Jornal-laboratório
 I Prêmio Foca
 Sind. dos Jornalistas de SC - 2000



Saddam, Fidel, Mugabe, Niyazov, Zia, Jintao, Afewerki, Aristide, Sbaron e Putin: líderes do primeiro mundo e ditadores de países pobres, todos têm motivos para não querer imprensa livre por perto

Os 10 piores vilões do Jornalismo

Entidade divulga *ranking* dos países onde a liberdade de expressão é ameaçada por governos e por terroristas

Se um jornalista pretende exercer a profissão com liberdade ele não deve ir para o Iraque, Cuba, Zimbábue, Turcomenistão, Bangladesh, China, Eritreia, Haiti, Cisjordânia e Faixa de Gaza ou para a Rússia - pela ordem nas fotos. O recado foi dado pelo Comitê para a Proteção dos Jornalistas (CPJ), sediado em Nova York, no dia três de maio data em que se celebra o Dia Mundial da Liberdade de Imprensa. A lista com os dez piores lugares para se exercer o jornalismo mostra diversos tipos de ameaças à liberdade de expressão, entre elas a repressão de alguns governos e os ataques terroristas. Ann Cooper, diretora-executiva do CPJ, destaca que em todos esses lugares, informar é um ato de coragem e convicção. Há oito anos o CPJ divulga uma lista anual com os inimigos da mídia no mundo.

Em todos os lugares citados pelo CPJ, a prática do jornalismo sofre interferências na forma de censura ou de violência. O Iraque é considerado o pior deles pois em um ano 25 jornalistas foram mortos em ações no país. Só em 2004, 12 repórteres, todos iraquianos, morreram. Entre as causas citadas pelo CPJ estão o banditismo, os tiroteios e os bombardeios, comuns na época do pós-guerra. Além disso, a crescente onda de xenofobia, principalmente aos americanos, está transformando os jornalistas em alvos constantes de terroristas. Os seqüestros também já viraram quase rotina, pois só nesse ano oito jornalistas foram capturados por grupos armados. Ainda, de acordo com a CPJ, as tropas de Bush representam outra ameaça aos jornalistas, pois cerca de nove repórteres podem ter sido mortos e outros detidos ou torturados pelos militares norte-americanos.

Cuba, mais precisamente o líder Fidel Castro, fez parte de todas as listas da CPJ divulgadas até hoje. As prisões e a repressão aos jornalistas fizeram com que o país fosse classificado como um dos piores lugares para se trabalhar na imprensa. No ano passado, 29 jornalistas foram presos, torturados e humilhados, reduzindo em força o jornalismo independente cubano. Em Cuba, os repórteres que não foram presos enfrentam intimidação e perseguição policial, por isso pensam muito no que escrevem. Segundo o CPJ, alguns dizem ter recebido visitas de oficiais de segurança do Estado que os ameaçaram se continuassem a escrever.

Outro país, onde os jornalistas sofrem com intimidações, censu-

ras e uma legislação restrita é o Zimbábue. Em 2003, o governo mandou fechar o *Daily News*, único diário independente e o mais popular e deportaram Andrew Meldrum, o último repórter estrangeiro, do diário britânico *The Guardian*, que estava trabalhando no país. Nos últimos quatro anos, as autoridades do Zimbábue fizeram campanha contra a liberdade de imprensa. Um exemplo foi a aprovação, em fevereiro de 2004, da legislação que obriga jornalistas e meios de comunicação a terem registro de licença na Comissão de Informação e Mídia (MIC), cujos membros são nomeados pelo governo. De acordo com a legislação, qualquer prática de jornalismo sem a aprovação das autoridades é considerada ato criminoso.

O regime totalitarista do Turcomenistão, do presidente Saparmurat Niyazov, acabou com o jornalismo independente do país. Niyazov tem controle sobre todos os meios de comunicação, indicando pessoalmente os editores e ainda controlando o que vai ser publicado. A Radio Free Europe/Radio Liberty (RFE/

RL), emissora financiada pelo governo americano, é uma das únicas mídias independentes a entrar no país. No entanto, o governo, através do Serviço Nacional de Segurança (MNB), pressiona os jornalistas a cortar laços com a emissora, ameaçando e acusando de injúria e incitação ao ódio social, étnico e religioso.

Na Ásia, Bangladesh é considerado o lugar mais perigoso para exercer o jornalismo. Os repórteres sofrem constantes ataques em retaliações por suas reportagens. As autoridades prometem prender os culpados, mas as agressões aos jornalistas continuam impunes. Em oito anos, sete profissionais foram assassinados. O CPJ tem recebido dezenas de denúncias na última década sobre atentados a jornalistas em Bangladesh.

No início do ano, a censura ao jornalismo independente na China ficou mais evidente. O país é o líder mundial, pelo quinto ano consecutivo, de prisões a jornalistas. Hoje, 41 profissionais estão atrás das grades. Jornalistas chineses confirmam que este é o pior momento vivido pela imprensa nos últimos 20 anos. O governo do presidente Hu Jintao, recém

instalado, está fazendo forte pressão à mídia chinesa, através de ameaças de fechamento de publicações, além de bloqueio de informações. Três editores do pioneiro *Southern Metropolis News* foram presos recentemente, acusados de corrupção. As acusações vieram depois que o jornal publicou reportagens sobre a volta da síndrome respiratória aguda grave (SARS) e sobre a violência policial no país.

Eritreia, um minúsculo país da África, localizado próximo do Mar Vermelho, é outro lugar onde a liberdade de imprensa está ameaçada. A nação é a campeã do continente em aprisionar jornalistas. O presidente Isaias Afewerki banuiu o jornalismo privado e prendeu repórteres independentes. Acusou jornalistas de espionagem, de praticar a desinformação e de colocar em risco a união nacional. A constante crítica do modo de governo da Eritreia com relação aos direitos humanos não abateu Afewerki que diz que quem está criticando são inimigos do país.

No Caribe, dezenas de jornalistas haitianos estão fugindo do país. A crise que atinge o Haiti, depois da morte do líder de uma

gangue em setembro de 2003, provocou uma intensa perseguição aos jornalistas. Em março, um correspondente de uma TV espanhola foi morto, um repórter americano foi baleado e estações de rádio foram incendiadas. Além disso, a falha no sistema judiciário está deixando impunes vários crimes contra a imprensa, fazendo com que muitos profissionais procurem o exílio ou o asilo político.

Ser jornalista continua sendo uma tarefa perigosa na Cisjordânia e na Faixa de Gaza. O interminável conflito envolvendo palestinos e israelenses torna o exercício da profissão um alvo para os exércitos. Em um ano, três jornalistas foram mortos por tiros disparados por militares israelenses. Tropas palestinas e grupos armados saquearam redações na Cisjordânia e Faixa de Gaza, atacaram um correspondente nas ruas de Gaza e um repórter em Ramallah.

Na Rússia, último na lista da CPJ, a repressão e a perseguição a jornalistas ocorrem de forma mais sutil. De acordo com o CPJ, a substituição da pressão evidente por táticas mais discretas, como processos politizados e as aquisições hostis de corporações por homens ligados ao presidente Vladimir Putin, permitiu abafar críticas e informações sobre os abusos contra os direitos humanos cometidos pelo exército russo na Chechênia. Além disso, jornalistas que trabalham no interior estão sendo mortos por causa da cobertura contrária ao governo. Em 2003, o editor-chefe de um jornal independente foi morto à facadas depois que reportagens sobre o crime organizado e corrupção do governo foram publicadas. Esta foi a segunda morte de um editor em pouco mais de um ano.

O Comitê para Proteção dos Jornalistas é um órgão independente, fundado em 1981 nos Estados Unidos, com o objetivo de defender os direitos dos profissionais de exercer a profissão com liberdade. Através da divulgação dos lugares onde há repressão à imprensa, a CPJ procura alertar a todos e assim promover a independência da mídia. O órgão tem representantes em vários pontos do mundo, que ficam monitorando a prática da profissão. Ann Cooper, diretora-executiva do CPJ defende que "o jornalismo é essencial para nos ajudar a entender os acontecimentos que transformam nossas vidas, e nossa necessidade e desejo de obter informações não pode ser eliminada por meio da violência e da repressão".

Giselle Tiscoski

Unesco premia poeta preso em Cuba

A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) celebrou o dia três de maio, concedendo ao jornalista e poeta cubano Raúl Rivero Castañeda o Prêmio Mundial de Liberdade de Imprensa Unesco/Guillermo Cano 2004 no valor de US\$ 25 mil numa cerimônia realizada em Belgrado, capital da Sérvia e Montenegro. O jornalista está preso desde março de 2003, condenado a 20 anos por "atentar contra a independência e a integridade territorial" de Cuba. O prêmio da Unesco, criado em 1997, é dado a profissionais que defendem a liberdade de imprensa no mundo.

"Raúl Rivero pagou muito caro pelo compromisso com a liberdade de imprensa", lamenta Koichiro Matsuura, diretor-geral da Unesco. O jornalista cubano, que há 15 anos vem sendo perseguido pelo governo de Fidel Castro, foi preso no ano passado junto com outros 24 repórteres, num episódio que ficou conhecido em todo o mundo. Muitos presos são acusados de colaborar com os Estados Unidos, sendo assim considerados inimigos pelo Estado cubano.

A prisão dos 25 jornalistas cubanos no ano passado, fez com que profissionais de vários pontos do mundo protestassem. Neste ano, diplomatas europeus e americanos pediram às autoridades que libertassem os profissionais, num apelo em frente a casa de Raúl Rivero, em Havana. O diretor-geral da Unesco também mostrou-se preocupado com as condições de detenção dos jornalistas, principalmente com Rivero, pois segundo familiares, ele está muito doente.



Rivero: herói da resistência

O Prêmio Guillermo Cano não pôde ser entregue para a mulher do jornalista, Blanca Reyes, porque foi proibida de ir a Belgrado receber pelo marido. A legislação cubana estende a condenação de prisioneiros de consciência, caso de Rivero, até aos seus familiares diretos. "A restrição de viajar livremente é somente uma das medidas, numa avulada lista de limitações da cidadania, de que padecem os cubanos", queixou-se Blanca Reyes numa página da Internet dedicada a todos os presos de consciência. Quem recebeu o prêmio em Belgrado no lugar de Rivero foi o enteado, Miguel Sanchez Reyes.

O jornalista, nascido em 1945, trabalhou por muitos anos na agência oficial cubana Prensa Latina, abandonando-a em 1988. Em 1955, criou uma agência de notícias independente e em 2001 foi um dos co-fundadores da Associação Independente de Jornalistas Cubanos. De sua respeitada obra poética destacam-se os livros *Papel de hombre* e *Poesía sobre la tierra*.

O nome do prêmio mundial da liberdade de imprensa da Unesco homenageia o jornalista Guillermo Cano. Natural da Colômbia, Cano foi assassinado em 1987 por ter denunciado atividades dos cartéis de droga colombianos. Até hoje, nenhum brasileiro recebeu o prêmio da Unesco. Os jornalistas homenageados até hoje foram Amira Hass de Israel (2003), Geoffrey Nyarota do Zimbábue (2002), U Win Tin de Myanmar (2001), Nizar Nayouf da Síria (2000), Jesus Blancornelas do México (1999), Christina Anyanwu da Nigéria (1998) e Gao Yu da China -1997. (GT)

O cartunista é uma pessoa perversa. Não constrói nada, só destrói. Nós deveríamos ser proibidos por lei

O homem que tirava do sério a ditadura militar com seus cartuns e artimanhas para burlar a censura é hoje apenas mais um cético. Pelo menos é esta a impressão que o cartunista Jaguar deixa na entrevista concedida ao Zero em novembro de 2003, quando esteve em Florianópolis para a palestra da Semana do Jornalismo, evento realizado pelos alunos.

Descrente da possibilidade de se fazer jornalismo combativo e debochado como no passado, ele brigou com seu ex-parceiro Zivaldo por causa do relançamento do jornal Pasquim.

Continua com suas charges diárias no jornal carioca O Dia, mas com uma impressão cada vez maior de que elas não influenciam nada.

"Você pode até xingar a mãe do presidente da República que nada acontece", provoca. Palavras e desenhos ao vento, ele conclui.

Jaguar começou na página de humor da revista Manchete. Em 1958 foi levado para a revista Senhor, onde conheceu Paulo Francis e Ivan Lessa. Trabalhou também na revista Pif-Paf, de Millôr Fernandes, no jornal Última Hora e no Banco do Brasil. Com Tarso de Castro e Sérgio Cabral, fundou o Pasquim em 1969. "Jaguar também foi o único que esteve com o Pasquim do berço à agonia, sem faltar uma semana", garante Ruy Castro em seu livro Ela é carioca – Uma enciclopédia de Ipanema, "exceto pelos dois meses em que esteve preso com outros oito membros da equipe, em fins de 1970. Sobreviveu a anos de negociações semanais com os censores, a inúmeras apreensões do jornal e a uma bomba que foi atirada no jardim da redação, na rua Saint-Romain, e que ele chutou para o lado, sem saber do que se tratava. Sobreviveu também às dívidas do jornal que, quando se revelaram impagáveis, obrigaram-no a vendê-lo, em 1988".

Com o fim da publicação, Jaguar trabalhou em jornais populares como O Dia, A Notícia e O Povo. Participou em 1999 da revista Bundas, com Zivaldo e outros colegas do Pasquim. Mas a revista teve vida curta. Em 2002, recusou o convite de Zivaldo para relançar o jornal que os consagrou, batizado agora de Pasquim 21. Na entrevista, ele fala sobre o novo e o velho Pasquim, o humor político nos tempos atuais e conta como fazia o tempo passar no período em que ficou preso: imperdível.



Foto: Alexandra Gobby/Zero

Não tem sentido fazer um jornal que é falsamente de oposição, mas na verdade é uma oposição patrocinada pelo governo

Zero- Por que não ingressou no projeto do novo *Pasquim*, o *Pasquim 21*?
Jaguar- Primeiro porque eu estou brigado com o Ziraldo por causa disso. Eu acho que não tem pé nem cabeça um jornal que foi um marco na imprensa brasileira, o primeiro jornal a brigar com a ditadura, onde todo mundo foi em cana etc e tal... Agora acabou o jornal. Eu fundei o jornal e afundei o jornal. Fiquei vinte anos naquele negócio. Dez anos antes eu deveria ter fechado o jornal. Mas eu fiquei igual aquele japonês que a guerra acabou e não avisaram para ele (risos), dez anos em uma ilha lá. Então não tem sentido abrir um jornal que já fez a sua parte na história da imprensa brasileira. Não tem pé nem cabeça. Porque, inclusive, estraga a história do jornal, estraga a biografia do jornal. Não tem sentido fazer um jornal que é falsamente de oposição, mas na verdade é uma oposição patrocinada pelo governo, patrocinada pela prefeitura.

Z- E houve uma briga pelo nome do jornal?

J- Briga não teve porque eu não tinha mais o direito do nome, não estava mais sob meu poder. O jornal já tinha sido comprado por outro cara que vendeu o título para o Ziraldo. Eu já não tinha mais nada a ver com o jornal. Mas eu acho um absurdo. Além de tudo, o jornal está muito mal feito. Está lá um monte de gente de segundo time. Os bons, que estão lá ainda, são o Fausto Wolff, que era do antigo *Pasquim*, e Paulo Caruso que parece que já deixou o jornal também. E é um jornal muito mal feito. Essa que é a verdade! O Ziraldo é um gênio como desenhista, grande autor de histórias em quadrinho, histórias infantis, mas como jornalista eu tenho sérias restrições (risos)

Z- Ziraldo diz que fazer humor debaixo do AI-5, de certo ponto de vista, era mais fácil do que hoje em dia porque, naquela época, todo o público tinha a mesma visão: os militares eram o "mal" e a sociedade civil era o bem. Você concorda com isso?

J- Sim, era muito mais fácil. E a gente se sentia muito mais gratificado. Porque a gente fazia alguma charge contra o governo eles iam lá e prendiam a gente. Agora, parece que não existe, que está falando para o nada. Porque você pode até xingar a mãe do presidente da República que nada acontece. Então a gente tem a impressão que não influencia em nada, que ninguém lê. É impressionante, perdeu muito a importância, do ponto de vista de marcar uma posição

Z- É mais difícil ser cartunista em um cenário como o atual, "sem inimigos comuns"?

J- Eu, por exemplo, fico... Há cinquenta anos que eu faço isso. Eu, possivelmente, sou o único chargista que durante cinquenta anos fez charge todos os dias. Porque eu não tenho férias. Então eu calculo, por baixo, que já fiz uns 30 mil desenhos. Ainda bem que eu não guardo os meus desenhos, se não eu teria que comprar uma casa só para guardar. Agora eu continuo dando porradas nos caras, mas o efeito eu não sinto: nenhum. Palavras ao vento. E desenhos ao vento também.

Z- Em uma das edições do *Pasquim* foi publicada a famosa frase de Millôr Fernandes: "jornalismo é oposição, o resto é armazém de secos e molhados". Você acha que a imprensa de oposição,

linha de contestação e deboche ainda tem espaço atualmente?

J- Acho que não. Acho que sinceramente não

Z- Por quê?

J- Porque agora a coisa está tão especializada, que só os grandes jornais podem sobreviver. Não há espaço pra jornais pequenos e revistas pequenas. Essa é que é a verdade. Não vale a pena. Dá muito trabalho e, no fim, o resultado é quase zero.

Z- Mesmo em grandes jornais, há espaço para oposição ao governo, aos políticos?

J- Eu acho que não. Sinceramente eu estou bastante desencantado com a profissão, mas como eu não sei fazer outra coisa (risos), eu só sei desenhar, eu só sei desenhar um monte de "calunguinhas", como dizia o general que era censor do *Pasquim*. Como eu nunca consegui fazer outra coisa além disso, eu tenho que me contentar. Eu preferia, por exemplo, abrir um bar

furioso que continuei. Primeira coisa: é um negócio muito difícil. Por exemplo, eu sou cartunista do jornal *O Dia*, tem outro chargista muito bom lá, ótimo, que é o Aroeira. E as outras pessoas que querem fazer, onde vão trabalhar? No *Globo* tem o Chico Caruso e tem o Chico Caruso e o Chico Caruso (risos). E por aí vai. Nesses salões de humor aparecem grandes talentos que acabam não tendo onde exercitar o seu trabalho. O *Pasquim*, nisso era muito bom, porque abriu o mercado. Todo mundo que era bom publicava.

Z- Quem são, em seu entendimento, os cinco melhores cartunistas do mundo em todos os tempos?

J- O melhor sou eu (risos). Eu, porque sou cartunista. A ditadura atrapalhou muito o *cartum*. Durante a ditadura não faziam *cartum*, faziam charge. Eu mesmo, para sobreviver faço charge, embora não seja chargista. Eu já tenho uma grande desvantagem de



Desencantado com a profissão, ele não vê espaço para jornais pequenos e revistas alternativas. Dão muito trabalho e o efeito é quase zero

(risos). Mas eu não tenho competência nem para isso (risos).

Z- Como você vê o espaço destinado ao *cartum* no Brasil da atualidade, fora dos jornais diários?

J- Isso é uma coisa que o *Pasquim* pode se gabar, porque era muito pouca gente que fazia *cartum* quando eu comecei. E, hoje em dia, a gente abriu muito espaço e apareceu muita gente talentosa. Praticamente, em todas as cidades, têm ótimos cartunistas, chargistas. É uma das coisas misteriosas do Brasil, que é um país de terceiro mundo, mas o desenho de humor é um dos melhores de todo mundo, com toda certeza. Pelo menos, está entre os três melhores. É um pessoal muito talentoso,

muito bom, muito competente.

Z- E fora dos grandes jornais, há espaço?

J- Eu sempre desaconselho. Eu comecei a ser cartunista de raiva, porque eu fui pedir emprego para o Hélio Fernandes, irmão do Millôr, e ele falou: "Rapaz, você trabalha no Banco do Brasil?". Eu disse sim. Ele disse: "Então volte porque você não tem a menor vocação para esse negócio. Desista" (risos). Então eu fiquei tão

não saber fazer caricatura. E quando tenho que fazer uma caricatura do José Dirceu, por exemplo, que tem uma cara de... O Lula é fácil, faz aquela figurinha barbudinha, gordinha, o cara vê logo que é o Lula. O José Dirceu tem uma cara de pastel (risos). Então eu copio descaradamente e o Chico (Caruso) sabe disso. O Chico é meu grande amigo... Quando eu faço caricatura parecida com alguém é porque eu copiei do Chico (risos).

Z- Além de você, que outros nomes poderia citar?

J- Paulo Caruso, o Aroeira. A minha sorte é que um cara chamado Reinaldo, do *Casseta e Planeta*, que é um grande talento e poderia me derrubar, felizmente, está ganhando dinheiro com os *Cassetas* e parou de fazer *cartum*. (risos)

Z- Que qualidades é necessário ter e praticar para se tornar um bom cartunista? Para ser cartunista é preciso ter talento ou a pessoa consegue desenvolver o talento apenas estudando as técnicas?

J- Pelo contrário, é uma questão de você ver o mundo, achar o mundo muito ridículo. Eu mesmo me acho extremamente ridículo (risos). Você se achando ridículo é mais fácil achar os outros ridículos também. E também tem que ter um certo ódio em relação à humanidade. No fundo, o cartunista é uma pessoa perversa. Não constrói nada, só destrói. Nós deveríamos ser proibidos por lei. (risos).

A prisão foi um dos melhores períodos da minha vida. Dois meses sem trabalhar e ainda com fama de herói da resistência

Z- Você participou da revista *Bundas*, que já chegou a vender 170 mil exemplares. Mas sua tiragem foi caindo até que atingiu 20 mil, o que fez a revista durar apenas 70 números. Na sua opinião, quais foram os principais deslizes da revista *Bundas*?

J- Primeira coisa: eu brinquei, mas o Ziraldo é muito teimoso. Eu falei para ele que com esse nome não existe revista que vá para frente. Como vai mandar um representante comercial arrumar um anúncio no Banco de Boston, por exemplo? Ai o diretor fala: "Tem um rapaz aqui que quer conseguir umas propagandas para uma revista". Perguntam: "Que revista é? Ele responde: "*Bundas*". Ele nem recebe. Umas tias minhas não tinham coragem de ir à banca e pedir para o jornalista: "me dá *Bundas*". Então elas chegavam com um papelzinho escrito *Bundas* e mostravam. Ai o jornalista virava para o lado e berrava: "Traz uma *Bundas* aqui para a senhora" (risos). Minhas tias morriam de vergonha. E

ninguém. Eles fizeram um concurso de charges para substituir a página do cartunista anterior. Eu participei e fiz uns *cartuns* horríveis. Se eu fosse os editores e recebesse os *cartuns* que eu entreguei eu colocava o cara para fora da redação. E mesmo assim fui aprovado porque o diretor não entendia porcaria nenhuma de *cartum*. E eu comecei assim. Fui revezando com o Claudius, que também entrou no concurso e também ganhou. E ficamos revezando, eu e ele. E depois fui trabalhar. Eu trabalhava no banco em um horário especial, das três às oito, e tinha tempo para fazer as charges. E comecei a trabalhar durante muito tempo no *Última Hora*. Durante anos eu trabalhei lá. Até que fui preso e o jornal me despediu.

Z- Como surgiu o projeto de criar *O Pasquim*? É lenda que a idéia surgiu em um bar?

J- Tudo que me aconteceu na vida foi em um bar. Conheci minha mulher em um bar, todos os jornais que abri foi em um bar (risos), fundei a banda de Ipanema

opinião, que tipos de veículos fazem entrevistas mais parecidas com as do *Pasquim*?

J- Por exemplo, a entrevista que causou uma verdadeira revolução na imprensa brasileira, da Leila Diniz, você lendo hoje parece assim chá dançante, sorvete, coisa ingênua, boba. A entrevista da Leila foi uma revolução porque ela se mostrou uma mulher independente, uma mulher que não tem medo de nada. E foi um escândalo, ela chegou a ser demitida da Globo. Quando ela morreu, inclusive, naquela tragédia [desastre de avião], tinha uma rua em Ipanema, rua principal, onde tinha o bar Jagaceiro. Quisemos mudar o nome da rua para rua Leila Diniz. Os moradores fizeram um abaixo-assinado dizendo que se recusavam a morar em uma rua com nome de prostituta. Para ver o efeito que causou! Com essa liberdade toda, usar palavrão, parece uma coisa ingênua, E, na época, foi um escândalo.

Z- *O Pasquim* ficou conhecido por sua oposição ao regime militar. Isso significa que agora, como era feito, ele não faria mais sentido?

J- Não. Porque naquele tempo era o seguinte: a imprensa estava ou censurada ou auto-censurada, o que é pior ainda, pior que a censura é a auto-censura. A gente baixava o cassete nos caras, mesmo sendo censurados. *O Pasquim* era censurado, o *Opinião* era censurado, o *Movimento* era censurado, mas o *Pasquim* tinha mais jogo de cintura. Eu, por exemplo, mandava uma charge. Primeiro, eu mandava os originais, mas os caras riscavam tudo. Então convenci os caras dizendo: "Você tem que entender que o original é uma obra de arte. Vou fazer o seguinte. Eu mando o esboço da charge a lápis e vocês só aprovam o desenho". Mas ao desenhar eu modificava expressões, dava um jeito de driblá-los. Os caras aprovavam a coisa e eu, ao invés de fazer a cara do sujeito assim (cara séria), fazia a cara do sujeito assim (faz uma careta). Entendeu? Mudava todo o sentido da charge. Mas eles não (*Opinião*, *Movimento*). Era texto, texto, texto. Eles sofreram muito mais que a gente porque a gente tinha mais malandragem. Por exemplo, para driblar a censura eu colocava dez datilógrafas copiando o livro de Graciliano Ramos e dentro daquele monte de papel eu mandava nossos originais e apenas cinco por cento era *O Pasquim*. Eles tinham que ler tudo e cortavam.

Z- Como foi a experiência na cadeia durante os dois meses que você ficou preso em 1970? É verdade que o motivo

da prisão foi um desenho que você fez de Dom Pedro com a legenda "eu também quero mocotó"?

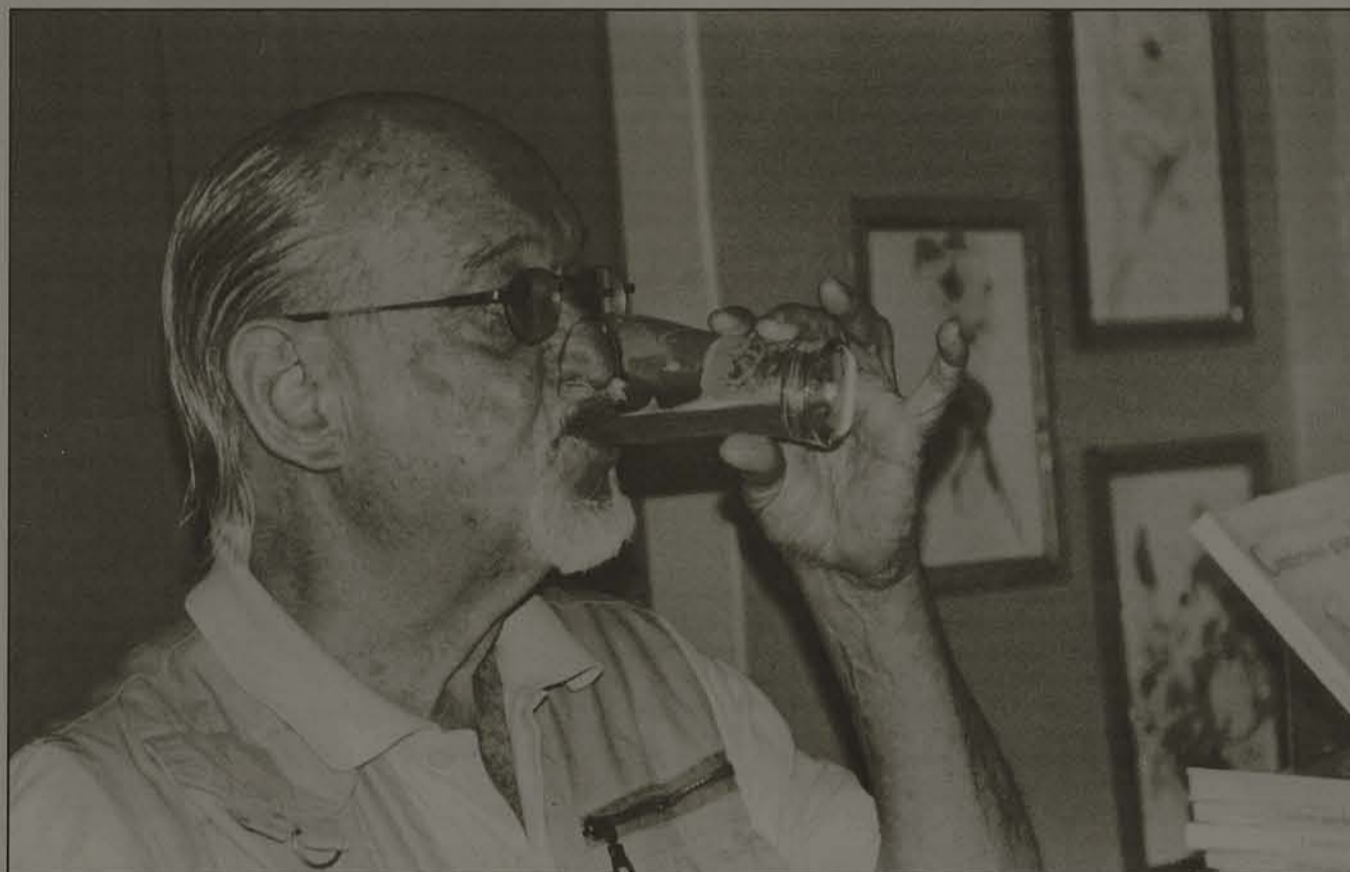
J- A experiência foi ótima. Para você ver como é a minha vida, foi um dos melhores períodos da minha vida. Dois meses sem trabalhar e ainda com fama de herói da resistência. Bebia o dia inteiro, subornava os guardinhas. Acordava de manhã e dizia: "O que tenho que fazer hoje?

Porra nenhuma". E pegava o livro *Ulysses* [do irlandês James Joyce], que é aquele tipo de livro que só se lê quando se está preso (risos). Não tinha nada para fazer o dia inteiro. Eu lia dez páginas e depois voltava. Eu li o *Ulysses* três vezes, eu voltava para trás e lia de

novo, voltava para trás e lia de novo. Eu acho que poucas pessoas leram o *Ulysses* três vezes. Eu li (risos).

Z- Mas é verdade que o motivo da prisão foi um desenho que você fez do Dom Pedro dizendo "eu também quero mocotó"?

J- Foi o seguinte: naquela época tinha uma música, sucesso popular, cujo refrão dizia "eu também quero mocotó" (canta um trecho). Então, eu fiz uma piada completamente idiota, como a maioria das piadas que



O cartunista diz que tudo que lhe aconteceu na vida foi em um bar. Conbeceu a mulher, fundou a banda de Ipanema e inventou jornais

realmente o principal motivo foi esse. E depois o Ziraldo, aquele negócio que te falei, eu fechava o jornal na véspera e ia para Itaipava. O Ziraldo chegava e mudava tudo. Ele é um gênio, mas é um péssimo jornalista. Por exemplo, ele brigou comigo porque, em um dos primeiros números, fiz uma entrevista com Zeca Pagodinho. Ele não era o Zeca Pagodinho que é hoje, mas já era um gênio. O Ziraldo perguntou: "Qual é a primeira entrevista que vamos fazer?" Eu respondi: "Zeca Pagodinho". Ele perguntou quem era o Zeca Pagodinho (risos). E ele ficou contra e não deu chamada de capa. O Ziraldo meteu na cabeça dele que chamada de capa não vende jornal. Nos três primeiros números, eu ia para Itaipava e quando chegava não tinha chamada de capa. É a mesma coisa de ir ao restaurante e não ter cardápio. Você não sabe o que tem para comer. É um absurdo! E ele é um péssimo. Ele vai afundar esse jornal (*Pasquim 21*) do mesmo jeito que afunda qualquer outro jornal, porque ele é muito bom desenhista mas péssimo jornalista.

Z- Como começou sua carreira de cartunista?

J- Na verdade, sempre gostei de *cartum*, desde os 14 anos. Eu ficava apaixonado pelos cartunistas. Então, naquela época, todos os cartunistas estavam na revista *O Cruzeiro* e a *O Cruzeiro* comprou o passe do único cartunista da revista *Manchete*. Ai a *Manchete* ficou sem

em um bar. E o que acontece? A gente estava desempregado, eu e o Millôr. Ai eu falei: "vamos fazer um jornal?". "Vamos", respondeu. Ai ficamos seis meses discutindo o nome do jornal. Acabou que minha opinião foi aceita, porque ninguém agüentava mais. Eu falei: "quando a gente fizer esse jornal todo mundo vai falar que é um *Pasquim*. Então vamos chamar logo de *Pasquim* para cortar a onda dos caras". E foi isso. Eu pensei que, como todos os jornais em que eu participava, fosse durar cinco, quatro números, como o *Pife e Paf*, mas foi um sucesso danado. Por quê? Porque quando o jornal aparece na hora certa falando o que as pessoas querem ouvir não tem como errar. Deu tão certo que seis meses depois estávamos todos em cana (risos).

Z- As entrevistas no *Pasquim* eram publicadas como haviam sido produzidas: com palavrões, perguntas e respostas se acumulando, e reações das mais diversas. Qual a vantagem de se publicar uma entrevista desta forma? Dá mais credibilidade? A leitura é mais agradável? Qual era a proposta desse estilo? Na sua

Ziraldo vai afundar esse jornal [Pasquim 21] do mesmo jeito que afunda qualquer outro jornal. É bom desenhista, mas um péssimo jornalista

RESENHA

Confesso que tentei

Zé Dassilva

Se para o presidente Lula ter o nome associado ao alcoolismo é uma desonra, para o cartunista Jaguar isso sempre foi razão de orgulho. Tanto que seu livro de memórias se chama Confesso que bebi - o que, além de ser um trocadilho com a obra de Pablo Neruda, é um atestado de cervejismo.

E já que existem os "alcóolicos anônimos", por que não os "bêbados famosos"? Quando esse grupo de boêmios notórios se reunisse, Jaguar sentaria na ponta. Com seu estilo de vida, ele confirma a letra da música: "eu bebo sim, estou vivendo, tem gente que não bebe e está morrendo". E com o livro, desmente que a bebida faz esquecer.

Jaguar também prova que papo de bar não é conversa jogada fora. Elas ressurgem em Confesso que bebi - Memórias de um amnésico alcoólico (Record, 160 págs., R\$ 20), produzido a partir de lembranças de fatos e de rodadas de chope. Além disso, o livro também é um roteiro dos botecos de um Rio de Janeiro que insiste em manter o charme da boêmia e o bom humor, apesar da Rocinha e da Rosinha.

Nascido Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe, em 29 de fevereiro de 1932, é difícil apontar com exatidão quando sua vida de bar em bar começou. Já a de charge em charge teve início na revista Manchete, em 1952. A vida profissional é tão movimentada quanto a etílica: Jaguar foi um dos fundadores da revista Senhor e do Pasquim, lendário jornal de oposição aos militares. Trabalhou em dezenas de publicações, apresentou programas na TV Educativa do Rio, foi editor da revista Bundas, além de ex-funcionário do Banco do Brasil, onde trabalhou (e bebeu) com Sérgio Porto. Esteve na turma de Albino Pinheiro que fundou a Banda de Ipanema, e hoje faz charges e crônicas em O Dia. Quem disse que a bebida atrapalha o trabalho?

Se repetir a trajetória profissional de Jaguar leva tempo, então vamos tentar reconstituir etilicamente alguns passos do livro. Afinal, quem é cartunista e vive no Rio se sente um pouco obrigado a manter vivo o ar-

quetipo do chargista bom de copo.

Então, vamos lá: pra acordar, um underberg no "... de Fora", ali no Jardim Botânico, junto à estátua do Otto Lara. O bar tem história: apertado, o pé-sujo era freqüentado até por Leila Diniz, que um dia reclamou: "porra, mas nesse bar a gente fica com a bunda de fora". A ditadura proibiu usar a expressão inteira, e hoje muita gente que vai lá nem sabe a origem do nome - mas fica com a bunda de fora, igual à Leila.

Almoço? Que almoço? Toca pro Leblon, que um sanduíche de pernil no Bracarense resolve. Uns chopos sentados numa mesa da calçada ajudam

o sanduba a descer. Reformado há pouco, o Braca é hoje considerado o melhor boteco do Rio, com o melhor garçom - o Chico. Todo vez que venho aqui, fico com dúvida disso - e volto outra vez, mas só pra investigar se é ou não é.

Já é noite, trabalho concluído, mais um leão morto, então vamos beber. Se ainda estamos no Leblon, uma happy-hour no Jobi cai bem. Mas se a idéia é dar uma de Jaguar, não basta ir nos mesmos lugares: tem que andar com as mesmas companhias. Só que Tom Jobim, Roniquito Chevalier, Hugo Bidet e Carlinhos Niemeyer não estão mais aí. E Paulo César Peréio e João Ubaldo nem me conhecem.

Então, é melhor ligar pro Caio Mourão. Quando bebo com ele, os 40 anos de diferença somem mais rápido que o chope que estava no copo. Hoje setentão, Caio foi o primeiro designer de jóias do Brasil e pra saber mais de suas histórias, é só ler a Caros Amigos ou o verbe-te que o Ruy Castro fez pra ele no Ela é carioca. Depois de ouvir de Caio causos impubescíveis na Ipanema etílica dos anos 60 e 70, que tal uma passadinha pelo Baixo Gávea, a caminho de casa?

Só no outro dia que se percebe: tentar imitar o Jaguar não é fácil. Haja Engov! Assim, até parece que é verdade que bebida mata. E falando em morrer (ou "pedir a conta"), Jaguar faz um pedido no capítulo final de Confesso que bebi: quando se for, quer ser cremado e ter suas cinzas espalhadas pelos bares onde bebeu.

Pra fechar, Jaguar transcreve o comentário de um amigo: "Vai faltar cinza..."

Jaguar de bar em bar Confesso que bebi



Concorrida sessão de autógrafos em Florianópolis

faço, que são idiotas. Eu coloquei na cena do Grito da Independência, o Dom Pedro dizendo assim: "Eu quero mocotó". Pronto! Fui interpelado. Eles diziam: "O senhor não pode brincar com um símbolo da pátria". Eu falei: "Essa pintura de segunda qualidade, péssimo quadro, Pedro Américo é um péssimo pintor, foi caricaturista também, péssimo caricaturista. Deus me livre que isso seja símbolo da pátria, é uma pintura de baixa qualidade". Ai piorou né! Tenho uma história engraçada de um *cartum* que eu fiz, que ficou vinte anos proibido de publicar. Foi publicado a primeira vez em uma revista em que trabalhei como editor de humor. O Luis Carlos, que era comunista, e como todo comunista ele era puritano, proibiu uma piada que fiz sobre Jesus Cristo. Depois, sistematicamente, essa piada era proibida. E, finalmente, quando eu editava um suplemento de humor da revista *Status*, publiquei a piada que era o seguinte: Jesus pregado na cruz e a Maria Madalena toda peituda, boazuda e Jesus dizia para ela: "Hoje não Madalena, estou pregado!" (risos).

Z- O Pasquim entrou nos anos 80 sem força e também sem o mesmo charme, já que outros jornais e revistas, agora vivendo sem a censura prévia, assumiam posições mais firmes contra a ditadura.

J- Todo mundo, quando viu que o negócio tava... O Pasquim começou a degingolar quando a censura passou a ser feita em Brasília. Quando era no Rio, era ótimo. Primeiro entrou a dona Marina, que a gente chamava de dona Solange, não sei o motivo. Solange, Marina é a mesma coisa!

Z- Você foi o único que continuou durante toda a década. Chegou até a lançar uma edição paulistana em 1985. Por que você insistiu no jornal apesar dos problemas?

J- Eu continuei. Porque eu sou um idiota, só por isso. Todo mundo foi cuidar da sua vida e eu fiquei com um jornal deficitário, me enterrando em dívidas que duram até hoje. Por exemplo, tem um oficial de justiça querendo penhorar os bens que eu não tenho. E a minha vida é assim. Eu tenho título proprietário em todos os cartórios. Sou um marginal completo. Por quê? Por causa do Pasquim. O Millôr saiu, o Ziraldo saiu, todo mundo saiu, outros resolveram morrer...

Z- Em alguns jornais, os jornalistas procuram fazer as notícias de forma imparcial. Mas aí você olha a charge e sempre tem alguma opinião ali, alguma crítica, brincadeira. O cartunista tem a função de dizer o que o redator de uma notícia não pode escrever explicitamente?

J- É uma coisa importante, porque eu, por exemplo, sou obrigado a ler qualquer jornal. Então, às vezes, o jornal esqueceu de pegar um assunto, então eu enfatizo. Tem um assunto que ele não abordou e eu abordo. O Dia é um jornal popular, um jornal do povão. O Globo, Jornal do Brasil são jornais mais das classes A. O Dia é um jornal mais carioca e eu sou muito popular entre porteiros, camelôs, motoristas de táxis. E eu gosto disso. Quando eles falam: "Aquele está boa, hein?". E a gente faz alguma coisa do tipo, aqueles arrastões que estão acontecendo todo domingo. A polícia vai fazer ronda a cavalo. Ai eu faço aquela piada. Como eu faço piadas completamente idiotas, as pessoas tem vergonha de fazer esse tipo de piada, porque parecem que são burras (risos). Então a piada é assim: Dois banhistas apontando para o cocô. "É o cocô do cavalo do bandido? Não é o cocô do cavalo do polícia". Esse tipo de piada é uma piada idiota, mas o cara lê e fica com aquilo na cabeça, o que uma reportagem inteira, às vezes, não consegue. De vez em quando eu faço umas piadas assim. Peguei a manchete de um jornal lá: "Retomada do crescimento é afetada pela alta dos juros". Isso, o cara está falando para a mulher na cama. E ela dizendo assim: "você, economistas, tem explicação para tudo" (risos).

Entrevista por Mariana Hinkel

Jornalista, chargista e quadrinista do Diário Catarinense, redator de programas de humor da Rede Globo de Televisão. Autor do livro *Histórias que a bola esqueceu - A trajetória do Esporte Clube Metrópolis e de sua torcida* (1996), tema de seu TCC. Formado no Curso de Jornalismo da UFSC.

Precipitação, mau jornalismo

- 1- Como você julga forma e conteúdo da "reportagem" publicada no *New York Times* sobre o suposto envolvimento do presidente Lula com a bebida?
- 2- Como você julga a intenção de cassar o visto do jornalista Larry Rohter?
- 3- Juntando os dois fatos, como você avalia as consequências do episódio?

Professor Francisco Karam- Jornalista, escritor, professor e chefe do Departamento de Jornalismo da UFSC.



1- A reportagem é tendenciosa. É toda angulada para caracterizar uma opinião, misturando vida privada e pública. Mesmo que a vida privada do presidente tenha reflexos na vida pública, isso não pode ser mostrado de forma jocosa, como foi feito.

2- A decisão do governo é errada, muito próxima do autoritarismo das ditaduras. O governo deveria buscar a área jurídica, buscar o direito de resposta, debater o caso se colocando como governo diante do jornal. Não condiz com a imagem de governo democrático.

3- Para quem sempre lutou pela liberdade de expressão, como é o caso de Lula, ainda que sofrendo críticas injustas, a decisão aumenta a perda de credibilidade do governo. Quando fazia parte da oposição, muitas vezes Lula também fez críticas injustas. Essa decisão vai ter efeito contrário ao desejado, muito mais negativo do que positivo.

Cláudio Prisco Paraíso- Jornalista, comentarista político da TV Record de Florianópolis.



1- Acho que é uma reportagem que deixa a desejar em dois aspectos: primeiro, sob o ponto de vista ético-profissional, porque as fontes a quem recorreram não são as mais habilitadas. Não defendendo o presidente Lula, mas eles certamente não ouviram as pessoas que deveriam ter ouvido, os que estão mais perto dele. Claro que o *NYT* está entre os maiores jornais dos EUA, tem a obrigação de pautar os assuntos utilizando um critério mínimo. A matéria precisa estar devidamente alicerçada, senão não tem sentido. Em segundo lugar, os Estados Unidos não tem moral para falar do nosso presidente com um presidente daqueles. No caso das torturas dos presos iraquianos, por exemplo, o presidente Bush mostrou para o mundo que ter excessos de comportamento humano, é bem pior que excessos éticos. Eles têm que olhar para o próprio umbigo. Claro que se o presidente está tendo excessos éticos é uma atitude condenável, mas um jornal de fora querendo nos dar puxão de orelha é inadmissível.

2- Transformaram o jornalista em vítima. Foi uma violência. Não vou ficar fazendo uma ladainha sobre censura, mas o episódio é lamentável. No máximo, o jornalista e o jornal deveriam ser processados. Foi, certamente, um grave equívoco que vai repercutir ainda mais do que as denúncias de excesso ético, porque quem não sabia do caso, agora vai saber.

3- A repercussão é péssima por causa da truculência da atitude do governo. Um país que estava ganhando notoriedade com as conquistas sociais, depois de oito anos do governo FHC, isso repercutiu muito mal. Foi uma atitude autoritária e totalitária.

Professor Nilson Lage- jornalista, escritor e professor titular do Curso de Jornalismo da UFSC.



1- Em primeiro lugar, Larry Rohter é autor de matérias que se provaram não verdadeiras, envolvendo autoridades argentinas e brasileiras. Particularmente, sei de uma entrevista que ele obteve com o então ministro Roberto Amaral.

O ministro lhe disse que o Brasil pretendia - como pretende - dominar o ciclo do enriquecimento do urânio, e o que saiu é que os brasileiros queriam fabricar bombas atômicas, uma provocação evidente. A reportagem sobre o suposto alcoolismo de Lula foi por certo encomendada pelo governo americano, que, depois de invadir o Afeganistão e o Iraque, onde está encontrando a resistência patriótica do povo, volta-se para a América Latina, anunciando, através de um renegado cubano - um tal de Noriega - que ocupa alto cargo em Washington, sua intenção de depor o presidente Fidel Castro - e, mais que isso, promoveu a invasão da Venezuela por mercenários

de ultra-direita colombianos. Referências às bebidas de Lula saíram na coluna de Cláudio Humberto, homem do Collor, e numa reportagem de *Veja*, uma revista pedante e mentirosa. Há uma referência antiga de Brizola, que aconselhou Lula a beber vinho e não destilados. E só. Prefiro, de minha parte, acreditar no Clóvis Rossi, no Merval Pereira e no Kotscho, jornalistas que conheço há muito tempo e que acompanham Lula de longa data. Vivi em Brasília os últimos dez meses. É uma cidade cheia de fofocas - menos essa. A imprensa dos Estados Unidos já foi respeitável. Tem tradição magnífica e criou uma técnica a que todos hoje obedecem. Mas o país tem também tradição fascista, que passa por figuras expressivas, como [Charles] Lindbergh, o piloto, T.S. Elliot, o poeta, e Joseph McCarthy, o senador que emprestou seu nome à campanha contra atividades anti-americanas que, no início da década de 50, resultou na liquidação da melhor sociologia do país e na condenação do cinema, antes caracterizado pelos roteiros brilhantes, à rotina medíocre dos Rambos, Stallones e efeitos especiais. No momento, o direitismo radical de George Walker Bush, fundamentalista - que se julga eleito por Deus para o cargo, aliou-se à corrente dos straussianos, discípulos sofisticados de Leo Strauss, aluno de Heidegger, que adaptou os princípios teóricos do nazismo à sociedade americana, defendendo o tipo de 'democracia' que eles têm, baseada no controle de opinião pública, no consumismo, no patriotismo desvirado e acrítico e, finalmente, no uso de qualquer recurso para alcançar o poder - desde a promoção do escândalo de Monica Lewinsky, uma coisa escatológica, até a fraude nas eleições da Flórida, governada pelo 'mano' Jeb Bush. A essa corrente acadêmica pertencem figuras importantes do regime, como o secretário adjunto [de Defesa, Paul] Wolfowitz e o procurador geral [John] Ashcroft. Por detrás do conluio entre criacionistas e heideggerianos estão os interesses em petróleo da família Bush, de seus sócios Cheney (o vice-presidente), Condolezza Rice (uma executiva do grupo) e pessoas da família Saud, ditadores da Arábia Saudita. O *NYT* capitulou, como sempre, às pressões 'patrióticas', ao 'interesse nacional'. Enfrenta a concorrência de um jornal safado, o *New York Post*, do Reverendo Sun (ou, talvez, do milionário 'australiano' Murdoch; um grupo enfrenta o *NYT*, o outro encara o *Washington Post*, em um pasquim chamado *Washington Times*). Sofreu desgaste com matérias falsas de um repórter provavelmente 'plantado' na redação - tanto que vendeu sua história para o *NYPost*. A acusação de alcoolismo é comum na imprensa americana, de um moralismo fedorento. Foi usada contra muitos governantes, entre eles o presidente Yeltsin, da Rússia. Faz parte do roteiro dessa turma acusar os inimigos de fazer sexo, beber ou jogar.

2- Suponho que não tenha sido uma reação emocional. Se não foi, o governo quis deixar claro que irá adiante, com firmeza, em seus propósitos de enfrentar o protecionismo agrícola americano (como fez recentemente, com êxito, no caso do algodão, na OMC), reduzir a dívida em dólares e aproximar-se comercial e politicamente da China, Índia, África do Sul, Ucrânia e, se possível, da Rússia. Não por acaso, o presidente visita agora a China, que já é o segundo parceiro comercial do Brasil e programa investimentos no Brasil superiores a US\$ 10 bilhões. Da Índia, o país está importando tecnologia para a produção de remédios genéricos, com o que vence uma de suas dependências mais sérias de grupos multinacionais. Lula vive problemas sérios internamente, mas sua política externa é a melhor possível. O preço político da expulsão de Rohter é recoller críticas de setores liberais (o PFL pôs a boca no mundo) e descontentar jornalistas. Pessoalmente, prefiro não tomar posição. Afinal, admitindo-se que a decisão tenha sido tomada com racionalidade, deve basear-se em informações não disponíveis - por exemplo, sobre o acidente com o foguete brasileiro em Alcântara ou sobre qualquer evidência futura de iniciativas hostis dos Estados Unidos. Não há como opinar sobre aquilo que não se conhece, embora, em linhas gerais, a liberdade de imprensa deva ser preservada, mesmo para um irresponsável como Cláudio Humberto ou um falso filósofo como Olavo de Carvalho. Não sei se para o agente Rohter. No momento em que o Exército concentra esforços no treinamento de tropas de guerrilha, os americanos ameaçam o Brasil por causa de suposta pirataria de CDs (coisa praticamente impossível de controlar) e o governo brasileiro prepara-se para adotar *software* livre em seus computadores, em prejuízo do magnata Bill Gates, é melhor esperar para ver o que acontece em lugar de sair em defesa de princípios que prevalecem em situações normais.

3- Sei lá. Acho que tudo depende da resistência do governo às pressões políticas que vão se ampliar nos próximos meses.

Fernando Moraes- Jornalista e escritor. Ex-secretário de Cultura do Estado de São Paulo.



1- Qualquer editor sério que recebesse essa matéria de um repórter teria mandado o profissional de volta à rua para refazê-la. Primeiro, porque ele ouviu apenas três pessoas sem esclarecer ao leitor de que se tratavam de um adversário político de Lula (Leonel Brizola), um jornalista que fez parte do *staff* de um presidente que derrotou Lula nas eleições (Cláudio Humberto Rosa e Silva) e um colunista de costumes que, declaradamente, não gosta do PT (Diogo Mainardi). O resto é fumaça. Um trabalho que qualquer foca preguiçoso poderia fazer por telefone, sem sair de casa - como, aliás, é o costume nas redações de hoje. Segundo, porque fez uma reportagem descosida, com muito diz-que-diz e pouca informação objetiva. Algo indigno de um jornal sério como o *NYT*.

2- Nesse episódio só houve um erro maior que o de Larry Rohter: a reação de Lula. Um chefe de Estado civilizado recorreria à justiça americana com base em algo muito caro às leis dos EUA: o dano moral. A desculpa de que os tribunais americanos rejeitariam a ação é pífia. Todo mundo se lembra do processo movido nos Estados Unidos em 1997 pelo então presidente da Petrobras, Joel Rennó, contra o jornalista Paulo Francis, que afirmara na tevê que todos os diretores da Petrobras tinham contas secretas na Suíça. O dirigente da estatal exigiu que ele provasse a acusação ou pagasse US\$ 100 milhões de dólares de indenização por dano moral - isso mesmo, cem milhões de dólares. Mesmo após um gesto de retratação, a justiça manteve a ação contra Francis. Seus amigos chegaram a afirmar que o temor de ser condenado teria sido uma das causas do infarto que o matou, meses depois. Ou seja, a justiça dos Estados Unidos poderia, sim, obrigar Rohter a provar o que disse de Lula - ou pagar pela mentira. Num gesto surpreendente, porém, o governo optou pela prepotência. Não podia ter sido pior.

3- Saiu todo mundo perdendo. O jornal, mesmo com a postura arrogante que assumiu, sabe que a matéria era uma porcaria. O repórter perdeu a credibilidade entre suas fontes brasileiras. Mas o maior derrotado, sem nenhuma dúvida, foi o presidente da República.

Professor Carlos Locatelli- Jornalista, professor do Curso de Jornalismo da UFSC.



1- Acho que ele utilizou fontes de qualidade duvidosa para tentar comprovar uma hipótese de matéria que ele tinha de antemão. Querria provar que o álcool prejudicava algumas atitudes do presidente e tentou justificar isso. Quando se faz isso a qualidade do material é terrível, beira a infâmia e ao sensacionalismo barato.

2- Não sou especialista, mas pelo que eu li, se houvesse mecanismos para processar o jornalista, seria a atitude correta, mas parece não haver essa possibilidade. Ele ofendeu não só o presidente, mas a instituição da Presidência da República e o país. Ainda somos tratados como *cucarachas*. O tempo passa e nada muda. Mas é um dilema porque ele processa o jornalista pelas leis brasileiras ou não faz nada. Mas não fazer nada não parece ser uma atitude correta. Cancelar o visto é uma atitude radical, mas por outro lado é uma medida legítima, possível de ser acionada e indica a outros correspondentes a necessidade de eles serem mais responsáveis. Não defendo essa medida como uma atitude sistemática, mas esse episódio não pode passar de forma impune, o jornalista precisa ser responsabilizado ou provar as suas acusações.

3- Não consigo ver ainda consequências muito claras. As ações do governo é que vão deixar essa matéria importante ou não. Se o Lula continuar sendo uma liderança dos países de Terceiro Mundo na economia global, se ele for um bom governante, essa história vai virar folclore. Mas se houver tropeços do governo, essa história sempre será lembrada. De antemão, o governo nem ajuda nem condena.

e censura em doze opiniões

- 1- Como você julga forma e conteúdo da "reportagem" publicada no *New York Times* sobre o suposto envolvimento do presidente Lula com a bebida?
 2- Como você julga a intenção de cassar o visto do jornalista Larry Rohter?
 3- Juntando os dois fatos, como você avalia as consequências do episódio?

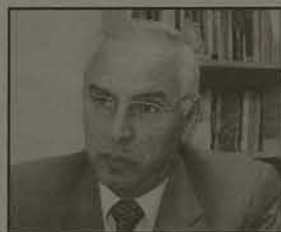
Marcelo Beraba- Jornalista, ombudsman do jornal *Folha de São Paulo*, presidente da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, Abraji.



1- Muito mal feita.
 2- Um atentado às liberdades de imprensa e de expressão. Uma atitude violenta, própria de ditadura.

3- O governo saiu perdendo. A reportagem não tinha tido qualquer repercussão fora do país e, mesmo internamente, era uma repercussão muito limitada. Agora, este governo está exposto ao mundo e entra para o rol dos que não sabem conviver e não respeitam a liberdade de imprensa. Não importa se a reportagem era ruim ou boa, pertinente ou não. Não estamos mais falando de jornalismo ou de dano moral, mas de restrições descabidas às liberdades democráticas.

Moacir Pereira- Jornalista, escritor e colunista político do jornal *A Notícia*, editado em Joinville, SC.



1- O correspondente Larry Rother tratou de um tema delicado na reportagem sobre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Entra numa fronteira difícil de definir: os limites entre o público e o privado. Cometeu exageros, como sustentar que o gosto do presidente por bebida alcoólica virou assunto de interesse nacional. É sabido que a maioria da população está preocupada mesmo é com emprego, insegurança, queda de juros, qualidade de vida, redução dos impostos, etc. Impossível negar, contudo, que esta questão da bebida tem sido tratada nos bastidores por expressivas lideranças políticas de vários partidos. A reportagem é falha porque superficial. Deixa de registrar fatos concretos, fontes credenciadas para fundamentar a grave denúncia. Impossível de questionar a oportunidade dessa reportagem. Há alguma tentativa de desestabilizar a liderança do presidente Lula na América Latina, em função do interesse dos americanos na implantação da Alca? Esta matéria, que enfraquece a imagem presidencial, tem relação com a nova investida dos Estados Unidos de buscarem maior controle sobre os países da América Latina? Qualquer jornalista com o mínimo de sensibilidade pode perceber que o governo está desorientado, sofre de paralisia, carece de um núcleo mais articulado e competente. Perdeu a bússola desde a crise moral causada pelo escândalo Waldomiro Diniz.

2- Entendo que a reação do governo foi exagerada e desarticulada. Ficou tratando desse assunto durante quatro dias. Lançou uma nota oficial de conteúdo polêmico, dando amplificação nacional a todos os setores da sociedade que nem tomaram conhecimento da reportagem. A Ciência Política ensina que notícia ruim se dá de forma curta para reduzir ou eliminar seus efeitos. O governo atual tem cometido este equívoco primário: estende a validade da má notícia e reduz a sobrevivência da boa informação. Também considero um risco a decisão de cancelamento do visto de jornalista do correspondente estrangeiro. O governo deveria encontrar uma saída política ou jurídica para ver o episódio esclarecido. A punição vai ser interpretada aqui dentro e lá fora como censura e ato autoritário. E isto não ajuda a melhorar a imagem do presidente Lula e do Brasil no exterior.

3- São imprevisíveis os efeitos deste processo. Se o jornal entender que seu correspondente cumpriu com o dever poderá assumir uma posição editorial mais forte, com matérias profissionais de conteúdo e repercussão negativos para o Brasil. Podem surgir, além disso, manifestações de organizações internacionais de jornalistas, solidarizando-se com o correspondente. E isto também não contribuiria para as novas pontes que o Brasil procura construir com a Europa e os países do Terceiro Mundo. A punição pode até estar fazendo o jogo dos poderosos que incentivaram a publicação da reportagem, mostrando as contradições de um governo que se proclama democrático e de esquerda e que tenta cassar a atividade de um profissional.

Mac Margolis- Jornalista, correspondente da revista americana *Newsweek* e membro da Associação dos Correspondentes de Imprensa Estrangeira no Brasil, ACIE.



1- O faro do repórter era bom, pois essas histórias dos supostos excessos do presidente com bebida, já circulavam na mídia nacional havia tempo. Mas o título da matéria foi infeliz e o conteúdo, fraco. Pois o texto leva o leitor a pensar que Lula é ou alcólatra ou que as eventuais bebedeiras comprometem a atuação dele como presidente. Como se fosse Boris Ieltsin, o que ninguém afirma. Para fazer essa denúncia é preciso mais embasamento - fontes seguras e testemunho pessoal de fatos que possam escorar as conclusões. Não houve.

2 - Péssima e um tanto assustadora. Primeiro, pelo exagero. O governo passou recibo - deu para entender que foi ferido. "O senhor protesta demais", como diria Gertrude, sobre a reação da Ofélia, que nega com tanta veemência a culpa dela na morte do pai de Hamlet que acaba se denunciando. O governo tem um problema com a opinião alheia, sobretudo a opinião americana. Se a matéria é considerada caluniosa, o que é um crime, que o presidente leve o assunto aos tribunais. Segundo, porque parece que o presidente e os assessores confundem a pessoa física com a jurídica - levam tudo pelo pessoal. Um presidente, no entanto, é uma figura pública - a figura pública nº 1 - e está mesmo sujeito a mais críticas e agruras na mídia. Como me disse um empresário, ligado ao PT, não existe um assunto pessoal para o presidente. Terceiro, foi autoritária a tentativa de expulsão, baseada numa lei de 1980, escrita ainda na ditadura, que dá ao governo a possibilidade de se livrar de estrangeiros cuja presença seria "inconveniente". O Lula é presidente, mas ele não é o Estado muito menos o País. Isso é atitude de reis e caudilhos, não de um presidente numa democracia.

3 - Pura ópera bufa. O governo conseguiu unir xiitas e sunitas em sua defesa, perante a matéria duvidosa, para depois queimar toda essa união e boa vontade com o gesto da expulsão. Rohter vai de algoz para vítima. Lula deveria ter chamado Rother e a imprensa toda para tomar uma cachaça e pronto. Ponto final.

Franklin Martins- Jornalista, comentarista político do *Jornal da Globo*, do canal pago *GloboNews* e da rádio *CBN*.



1- Lamentável, como jornalismo é uma porcaria.

2- Lamentável, em matéria de respeito à liberdade de imprensa, é um desastre.

3- O governo conseguiu o impossível: sair pior na fotografia do que o correspondente do *NYT*.

Heloíza Herscovitz- Jornalista, professora doutora do Curso de Jornalismo da UFSC.



1- Acho que a matéria foi muito infeliz, porque foi superficial, utilizou poucas fontes e parece haver um certo cinismo nela.

2- Se alguém ia ler e passar em branco pela matéria, hoje vai ler que o presidente expulsou um repórter do *New York Times*. O remédio foi pior do que a doença.

3- Como tudo na imprensa, amanhã será esquecido. Mas teve uma repercussão mundial muito maior, agora mais pessoas vão lembrar que o presidente cassou [pretendeu cassar] o visto de um repórter de um dos maiores jornais do mundo. Hoje, o *New York Times* publicou uma matéria afirmando que no Brasil não tem liberdade de imprensa. Se o presidente é uma figura pública, é natural que esteja exposto a críticas, e isso é liberdade de expressão. A matéria foi mal feita, mas quem é o Lula para julgar?

Vânio Bosle- Jornalista. Apresentador, comentarista político e coordenador de Jornalismo da TV Barriga Verde, Florianópolis, afiliada da Rede Bandeirantes.

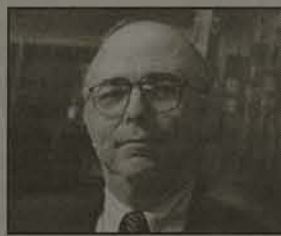


1- Essa questão tem dois lados, porque primeiro a reportagem não mostra provas contundentes para que coloquem, por assim dizer, o Lula com o copo na mão. Mas por outro lado, o *New York Times* é um jornal que tem muita credibilidade. Eu acho que eles não colocariam algo no jornal sem ter alguma certeza disso. Então acaba sendo um impasse.

2- Quem não leu o jornal agora está lendo, mas para esses casos, tem a Justiça para decidir, existem as Comissões de Ética para jornalistas, por exemplo. Eu estava lendo nos anais da justiça brasileira e parece que só um jornalista foi expulso do Brasil, isso na época da ditadura. E a lei é de 1980, então a decisão foi baseada num critério interpretativo. Essa decisão tem um gosto de intimidação. O presidente até que falou pouco, disse que merecia uma ação, mas os ministros falaram em tom de ameaça.

3- A repercussão foi muito grande, agências internacionais que não publicaram essa matéria, agora estão publicando. Se fosse em 1964, a gente até compreendia, mas para quem sempre lutou pela liberdade de expressão...

Rosental Calmon Alves- Jornalista, professor e diretor do Centro Knight para Jornalismo nas Américas da Faculdade de Jornalismo da Universidade do Texas (Austin, EUA).



1- Quando li a matéria dele, não gostei. Achei fraca, com poucas fontes e uma conclusão muito séria para tão pouca investigação, enfim, desproporcional ao esforço investido em apurá-la. Acho que ele errou, principalmente pelo exagero. Mas é óbvio que ele não inventou nada, que foi muito cuidadoso no texto em que tentava descrever o clima político e o uso dessa questão do hábito da bebida pelos inimigos políticos do presidente. Não moro no Brasil, portanto não acompanho o clima político e não sei o quanto há de verdade na matéria a esse respeito. Mas é óbvio que ele estava refletindo algo concreto, a começar pelas menções feitas pela própria imprensa brasileira, seja para acusar o presidente, seja para defendê-lo.

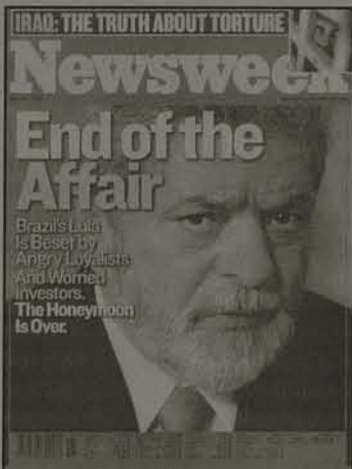
2- A resposta do governo a este lamentável incidente foi ainda mais desproporcional que a própria matéria publicada pelo *Times*. Matar o mensageiro não resolve o problema da mensagem. A expulsão de um jornalista estrangeiro por desagradar a um governo ou mesmo a um presidente é uma atitude que combina mais com ditaduras e com repúblicas de banana. Se a matéria é tão absurda, tão leviana, tão inverossímil, tão irresponsável como diz o governo, ela morrerá por ela mesma. Se a falta do correspondente foi tão grave, há recursos legais possíveis tanto na democracia brasileira quanto na democracia americana para lidar com esse tipo de caso. Como correspondente, lembro do Itamaraty fazendo gestões para evitar que a ditadura do general Alfredo Stroessner me expulsasse do Paraguai. E não era porque o Itamaraty estivesse me apoiando, mas porque naquela época tínhamos lá diplomatas que sabiam que minha expulsão causaria mais problemas que as minhas matérias. Também me lembro do governo de Isabelita Perón, que expulsou da Argentina o correspondente brasileiro Wálder de Goes.

3- A expulsão do Larry vai para a lista dos atentados à liberdade de imprensa neste ano, colocando o presidente Lula na companhia de truculentos inimigos do jornalismo livre e independente. Esta injustiça com a História, a performance e a honra do presidente Lula deve encontrar culpados entre seus assessores e na alta hierarquia do governo, inclusive no Itamaraty. Se tudo o que o correspondente escreveu é mentira, esse episódio seria esquecido em poucos dias. Mas a violenta atitude de expulsar do país um jornalista honesto, por mais que ele tenha errado nesta matéria, não será jamais esquecida. E seguramente encontrará um lugar nos livros sobre a história deste governo. Que pena.

Depoimentos para Vanessa Clasen

Errar no *NY Times* já virou rotina

Editores do jornal americano questionam a veracidade das reportagens sobre armas destruição em massa no Iraque



Dessa vez, jornalismo conseqüente

Revista revela outra versão do governo Lula

O presidente Luís Inácio Lula da Silva se mantém em evidência na imprensa internacional. A revista *Newsweek*, na edição de 24 de maio, mais que falar fez de Lula sua matéria de capa. Ao contrário da reportagem de Larry Rohter, correspondente do *Times*, que acusa o presidente de dirigir o país bêbado, a reportagem assinada pelo correspondente Mac Margolis retrata e analisa a situação política e econômica do país.

Intitulada *Feeling the pressure* (*Sentindo a pressão* em português), a reportagem revela outro presidente. O jornalista descreve os problemas que Lula enfrenta na administração do país, ao contrário de Rohter que rotula Lula como irresponsável e que o suposto hábito de beber regularmente está afetando sua atuação no governo. Mas faz uma ressalva, diz que Lula, o primeiro líder popular do Brasil tornou-se pragmático, e tem alcançado notáveis sucessos em um curto período de tempo. Ele cita alguns êxitos do governo: exportações estão aumentando, inflação tem sido mantida estável (abaixo dos 6%), as reformas de Estado têm sido aprovadas. E que Lula mantém o compromisso de austeridade fiscal - necessário para produzir um orçamento excedente - um sinal vital de responsabilidade para os investidores internacionais.

O correspondente também retrata os problemas da administração petista. Para ele nos últimos meses o governo tem sido mais atacado. Retrata o baixo crescimento da economia e a alta nos índices de desemprego. Margolis reproduz declarações do presidente sobre sua administração: "Não posso manter as expectativas de campanha e os programas de governo não podem ser as promessas de campanha". O repórter também relata que a opinião da população brasileira esperava mais ajuda do que o presidente tem apresentado.

A *Newsweek* destaca que o governo tem usado uma política de artilharia em programas sociais ao mesmo tempo em que a economia brasileira vem enfraquecendo-se lentamente no exterior. "A economia está projetada para crescer 3,5% este ano. Não é ruim, mas não suficiente para diminuir a taxa de desemprego que é de 12%", e tema de duas das fotos que ilustram a reportagem. Dessa vez, via jornalismo de qualidade.

Wellington Campos

No auge da discussão sobre a legitimidade da Guerra iniciada pelos Estados Unidos contra o governo de Saddam Hussein, o jornal *The New York Times* ajudou a desequilibrar a balança da opinião pública com reportagens que mostravam provas da existência do arsenal químico à disposição do governante deposto. Após mais de um ano de cobertura do *Times* sobre o conflito no Iraque, os editores do jornal assinaram um editorial publicado no dia 26, em que expõem suas dúvidas quanto à confiabilidade de algumas fontes ouvidas nessas reportagens. "Encontramos exemplos de cobertura que não foram tão rigorosos como deveriam ser", admitiram editores do jornal. Uma revisão do jornal apontou que exilados iraquianos claramente contrários a Saddam Hussein e que "têm tido sua credibilidade questionada nas últimas semanas" ganharam espaço decisivo nas reportagens que denunciavam a ameaça que o ditador representava para o mundo. Apesar de o jornal garantir que as matérias duvidosas tinham autores e temas variados, a maioria delas tratava de terrorismo, em especial bioterrorismo. Com a tentativa até agora frustrada de se comprovar que armas de destruição em massa estavam em poder do governo iraquiano, o *Times* forçou-se a fazer o mea culpa. Entre as reportagens, estavam a denúncia de uma escola de terroristas no Iraque, publicada em novembro de 2001, e outra de dois anos mais tarde, em que um cientista iraquiano afirmou que Hussein havia eliminado parte do seu arsenal militar pouco antes do início da guerra. Apesar de admitirem que parte das informações que dizem respeito a armas químicas e biológicas no Iraque terem se mostrado erradas,

os editores afirmaram que esse é ainda um assunto em aberto.

Chalabi e Dich Cheney - Outra característica comum nas reportagens é o fato de todas se basearem em informações de um certo "círculo" de informantes iraquianos, entre eles exilados e desertores, que eram confirmadas por autoridades do alto escalão do governo americano. Uma dessas fontes, citada no editorial, é Ahmad Chalabi, líder do Congresso Nacional Iraquiano, acusado por uma agência de auditoria do governo americano de desviar, desde 1991, cerca de 33 milhões de dólares em recursos da CIA destinados a estabelecer a ocupação americana no Iraque. Chalabi era forte concorrente ao governo iraquiano pós-guerra, até ser suspeito de fraude. Classificado de "fonte eventual" na nota dos editores do jornal, Chalabi fornecia informações ao *Times* desde 1991 e servia de conexão entre repórteres e

outros exilados. Outro exemplo de fonte duvidosa é o vice-presidente Dick Cheney, que na época estava tentando convencer os americanos e o resto do mundo da necessidade da guerra. "As histórias contadas por desertores iraquianos nem sempre eram medidas por causa do forte desejo deles de ver a queda de Saddam Hussein", admitiram os editores.

O conteúdo da nota atingiu tanto a chefia atual quanto a que foi forçada a se demitir após o escândalo Jayson Blair, em maio de 2003. Howell Raines, editor-executivo do diário no início da cobertura do Iraque, criticou a iniciativa de publicar o editorial e os trechos do texto que culpam os editores de se preocuparem mais em publicar furos do que com a precisão das informações. "Garanto que em 25 anos no *Times* e 21 meses como editor executivo, nunca publiquei nada que não estivesse completo", disse.

"Qualquer uma das 30 ou mais pessoas que participaram das reuniões de pauta durante a invasão do Iraque e a primeira fase da guerra pode atestar a seriedade com que todos encararam a estória". Ainda defendeu a repórter Judith Miller, acusada por concorrentes do *Times* de escrever 10 das 12 reportagens que apresentaram problemas. É a terceira vez que Raines critica decisões tomadas pelo conselho de editores do jornal à imprensa, incluindo um artigo em que censura os métodos de trabalho do *Times*. "Ninguém fala publicamente sobre a complacência arrogante que permeia o jornal", disse Raines, no artigo publicado na revista *Atlantic Monthly* em março.

Camille Bropp

Não colou: concorrentes ironizam confissão

Ainda que Bill Keller, editor do *NY Times*, alegue que a nota de desculpas foi uma tentativa de "acertar os ponteiros" com a honra jornalística, concorrentes do jornal e críticos de mídia não engoliram a justificativa. Howard Kurtz, editor do *Washington Post*, lembrou em editorial do jornal que, antes do início da guerra, poucas organizações repercutiram o risco de o Iraque possuir um arsenal químico e biológico quanto o *Times*. E deixou no ar a pergunta: "Poderia Chalabi ter usado o *Times* para espalhar um alarde de que o Iraque estava escondendo armas de destruição em massa?". Já a rede Democracy Now insinuou, em suas emissoras de rádio e TV, que as mentiras do *Times* impulsionaram a guerra e, por isso, o jornal é em parte responsável pelas mortes de civis e militares no Iraque. "Essa confissão do *Times* é muito pequena e vem tarde. Depois de uma guerra desnecessária, uma ocupação brutal, e muitos milhares de mortes depois, o *Times* admitiu que estava reciclando informação", diz o artigo dos âncoras Amy e David Goodman, publicado na edição on-



Keller: desculpinha

line da rede. O casal ainda acusou a repórter Judith Miller de fazer propaganda para a guerra.

Eric Umansky, crítico de mídia, escreveu no sítio Slate que apenas depois de esperar um bom tempo (2 anos), o *Times* admitiu que parte das reportagens sobre armas de destruição em massa no Iraque eram "muito crédulas e não mais críveis". Uma reportagem do jornal *Editor & Publisher*, que também cobre a mídia americana, mostrou a opinião de editores de vários jornais do país. David Yarnold, editor do *San Jose Mercury News*, disse que o pior não é o tempo que o *Times* demorou para admitir, mas o fato de que não é o primeiro escândalo do jornal. "Alguém tinha que dizer que a mídia tem que se tornar mais cética com as informações que a administração Bush dá de bandeja", criticou. Mas nem todos criticaram a atitude do jornal. Brian Toolan, editor do *The Hartford Courant*, acha que a mídia está dando muita importância à influência do jornal. "Não acredito que os Estados Unidos enviaram seu exército para o Iraque por causa das reportagens de Judith Miller". (CB)

Judith Miller aceitou jogo de Bush e Chalabi

Vencedora do Pulitzer é acusada de fazer reportagens para tentar justificar guerra no Iraque

Judith Miller é mais nova integrante da lista de repórteres mentirosos que o jornal americano *The New York Times* descobre em sua redação. Em recente nota, os editores do jornal fizeram uma autocritica em relação às reportagens sobre o Iraque. Apesar de não ter sido citada, Miller é autora de 10 dos 12 textos mais duvidosos e acusada de fraudar as reportagens. *Washington Post*, jornal concorrente, escreveu em 26 de maio, sobre o papel da jornalista na defesa da invasão ao Iraque. Judith fazia a cobertura do Time de Exploração Móvel Alfa, unidade responsável para localizar as armas de destruição em massa. A jornalista cobria o MET Alfa (sigla em inglês) através do programa de repórteres "embedded" criado pelo Pentágono - uma forma de alinhar a cobertura jornalística com o exército americano. Ela ficou bastante conhecida por sua

estreita ligação com o MET. Sua função era tão importante, relata o *Post*, que o MET ficou conhecido como o "Time de Judith Miller". Antes da autocritica do *New York Times*, analistas já apontavam excesso de otimismo de suas matérias sobre o "Time de exploração". Como se sabe, até agora nenhuma arma química foi encontrada no Iraque. O *NYT* também admitiu erros em artigos de capa publicados em outubro e novembro de 2001 sobre a existência de campos secretos onde terroristas islâmicos eram treinados e produziam armas químicas. Após a reportagem do *Post*,



Miller: métodos questionáveis

escrita pelo repórter Howard Kurtz, surgiram várias críticas em relação à Judith Miller. A principal delas é sua proximidade com o Pentágono e a administração do Iraque, em especial Ahmed Chalabi, líder do Congresso Nacional do

Iraque. Chalabi, que ficou distante do país durante 40 anos, era dissidente do regime de Saddam Hussein e o líder iraquiano preferido de Bush. Em outubro de 2001, a jornalista recebeu correspondência que supostamente continha antraz. Na época, os EUA vivia o auge do frenesi provocado pelo bioterrorismo. Cerca de dez dias antes, o

antraz provocou a morte do fotógrafo Robert Stevens, da *American Media*, na Flórida. Depois descobriu-se que a carta tinha apenas um pó branco. Judith Miller é uma experiente jornalista do *NYT* e acostumada a cobrir bioterrorismo. É autora do livro *best-seller Germe*, lançado há cerca de um ano. Em 2002 ganhou o Prêmio Pulitzer, o mais importante prêmio jornalístico do país. Durante a primeira guerra no Golfo Pérsico, Judith publicou o livro "Saddam Hussein e a Crise no Golfo", em parceria com Laurie Mylroie. O jornal *Democracy Now* afirma em sua página na *web* que as reportagens de Miller foram fundamentais para a propaganda da guerra. Ela "falseou reportagens que foram peça chave para justificar a guerra", denuncia.

Alexandre Brandão

Daily Mirror publica fotos forjadas

Tablóide pede desculpas pelo "erro" envolvendo soldados britânicos, demite chefe de redação e o expulsa da sede

As fotos que denunciaram a tortura de prisioneiros de guerra por soldados americanos publicadas pela revista *New Yorker* fizeram cair a popularidade do presidente Bush para o pior índice de aprovação desde o início do seu mandato (41%). Já as imagens noticiadas com estardalhaço pelo *Daily Mirror*, tablóide inglês, que mostravam cenas de supostos soldados britânicos humilhando e espancando prisioneiros iraquianos, não passaram de um "calculado e malicioso embuste", nas palavras do próprio jornal. Dia 15 de maio, o diário se desculpou com os leitores, em um editorial intitulado "Fomos vítimas de um embuste", de ter publicado em três edições imagens confirmadas mais tarde se tratarem de montagens. O jornal pediu "desculpas sem reservas" por publicar as fotos e se disse "profundamente arrependido" com os danos causados à reputação do exército britânico, principalmente ao Queen's Lancashire Regiment (QLR), acusado da tortura. O grupo Trinity Mirror, proprietário do jornal, demitiu o chefe de redação do *Daily Mirror*, Pier Morgan, por considerar sua permanência na chefia "inadequada". Morgan ocupava o cargo desde 1995, e tinha 30 anos quando foi contratado como editor. Teve de ser escoltado pela segurança até o lado de fora do prédio do *Mirror* porque se negou a escrever o editorial de desculpas. "Se ninguém conhece a origem das fotografias, por que deveríamos nos desculpar? Ninguém provou nada até agora e as imagens são apenas parte da história", disse à imprensa no dia 14. Nesse mesmo dia, o jornal *The Sun* retirou sua recompensa de 74 mil euros a quem identificasse os autores das fotos falsas publicadas no *Mirror*.

O *Mirror* tomou essa medida depois que as fotos passaram por uma investigação, envolvendo a Polícia Militar Real e o Ministério das Forças Armadas, que apontou evidências de que as imagens eram falsas. O governo britânico questionou a veracidade das fotos desde a primeira reportagem do jornal, em primeiro de maio. Peritos da Polícia Militar Real comprovaram que as imagens não poderiam ter sido tiradas no Iraque porque um caminhão que aparecia em uma delas não fazia parte da guarnição enviada à guerra. O caminhão foi encontrado em acampamento do exército em Preston, nordeste da Inglaterra, onde fica a base do QLR. Adam Ingram, Ministro da Defesa, assegurou a parlamentares da Câmara dos Comuns que as fotos não foram tiradas no Iraque e pediu que o jornal colaborasse com as investigações. Acusou o *Daily Mirror* de "arrastar o altíssimo nome do Queen's Lancashire Regiment na lama".

Fluxo de urina - Depois dessa primeira suspeita, outras inconsistências vieram à tona: as armas e o uniforme dos soldados das fotos não pareciam com as usadas pelo Regimento; a vítima não demonstrava ter sofrido uma sessão de 80 horas de tortura, como o jornal noticiou. O *Mirror* descreveu a vítima como um jovem iraquiano de 18 a 20 anos, capturado em Basra, cidade controlada por tropas britânicas, que logo após a sessão de tortura foi atirado de um caminhão em movimento. Oficiais da Inteligência do Exército e da Polícia Militar discordaram inclusive de detalhes, como o fluxo de urina "que não parecia autêntico" e os cadarços das botas dos soldados. Todo o resultado da investigação foi divulgado nas emissoras de TV e rádio da BBC, estatal britânica, e pelo jornal *The Guardian*, principal concorrente do *Mirror*.

O tablóide rebateu as primeiras acusações alegando que confiava nas fontes que lhe venderam as imagens, a seu ver soldados do próprio Regimento, e recusou-se a se retratar. No dia 14, o Brigadeiro Geoff Sheldon, do regimento acusado de tortura pelo jornal,



Checagem, na versão dos editores, teria impedido a barragem monumental

garantiu que as fotos eram falsas. "Não é um soldado britânico espancando um iraquiano e não foram tiradas no Iraque. Está na hora de quem as produziu aceitar que o jogo terminou", afirmou. O coronel David Black, do QLR, declarou que a situação não podia ser encarada como "uma disputa entre o ego de um editor e a vida de um soldado". Alertou que as consequências da publicação das fotos poderiam vir mais depressa que a retratação. "Essas fotos são um póster de recrutamento para a Al-Qaeda e outras organizações terroristas. Puseram a vida de nossas tropas no Iraque em risco", disse.

Horas depois, o chefe de redação do *Mirror*, que vinha sofrendo pressão tanto de jornais concorrentes quanto de autoridades do governo para deixar o jornal, foi demitido. A essa altura, apenas ele se recusava a reconhecer a falha do jornal, porque não acredita que nenhuma prova conclusiva foi apresentada. Em uma carta à imprensa, Morgan escreveu que a saga das fotos do *Mirror* dá uma idéia de como a indústria de mídia britânica trabalha. "Ninguém levantou uma sobrancelha contra a autenticidade das fotos nem 24 horas depois que as publicamos. Agora todo jornalista, 'perito' militar e parlamentar que ouvi na TV diz que 'soube imediatamente que eram falsas'". No dia seguinte à publicação das fotos, a Polícia Militar Real chegou a prender 6 soldados do QLR suspeitos de participar da tortura de prisioneiros iraquianos durante uma missão de verão, há 6 meses. Depois de interrogados, correram o risco de enfrentar um processo na Corte Marcial - antes de começarem os questionamentos quanto a veracidades das fotos.

Gato por lebre - O *Mirror* comprou as fotos por cerca de 100 mil reais de dois homens que se disseram soldados do QLR preocupados com a atuação do exército britânico no Iraque. Segundo nota divulgada pelo conselho da Trinity Mirror, "o *Daily Mirror* publicou com boa fé fotografias que acreditava serem genuínas imagens de soldados britânicos abusando de um prisioneiro iraquiano". Na reportagem publicada em primeiro de maio, as fontes foram identificadas pelo jornal como "Soldado A" e "Soldado B". Outros seis soldados, também nomeados com letras, deram depoimentos sobre o tratamento dispensado a prisioneiros de guerra pelos soldados britânicos. "Lá não existem regras", disse um homem identificado como

"Soldado D". "Vi o homem ser jogado dentro do veículo levando socos e pontapés... Tirei a foto ao abrir as portas do veículo". É nessas declarações que o *Mirror* tem se baseado para argumentar que as acusações de tortura não são de todo falsas. Uma das fontes, o "Soldado C", deu uma entrevista ao canal ITV News Channel no dia 14, em que confirmou ter dito ao jornal que duas tropas britânicas têm torturado prisioneiros iraquianos. Disse também ter ajudado investigações militares sobre o caso, acusando membros das Forças Armadas de tortura.

O tablóide tem sido pressionado para revelar o nome dos soldados que venderam as imagens, mas tanto Morgan quanto o editor que o substituiu, Des Kelly, recusaram-se a entregar as fontes. "Temos colaborado com as investigações, menos dando o nome das fontes, o que nenhum jornal jamais faria", diz editorial do dia 13. Segundo noticiado pela imprensa britânica, apenas 3 pessoas do *Mirror* conhecem a identidade das fontes. No dia 16, o conselho de administração da Trinity Mirror anunciou que pretende cooperar totalmente com as investigações, inclusive revelando a identidade das fontes que venderam as fotos. Informaram que o compromisso do jornal com suas fontes não se aplica a pessoas que agem de forma fraudulenta para ganhar dinheiro. Os lucros com a venda das fotos para jornais de todo mundo vão ser

doados a instituições de caridades das Forças Armadas e à Cruz Vermelha. Nicholas Young, diretor da Cruz Vermelha britânica, já declarou ter dúvidas se é adequado que a entidade aceite essa doação.

Da capa para página 10 - Após a demissão de Morgan, o novo chefe de redação, Des Kelly, fez algumas reformulações na edição do jornal. As notícias sobre a guerra no Iraque passaram da página principal para a 10. As críticas ao primeiro-ministro Blair e ao presidente americano George W. Bush (razão pela qual a guerra tinha tanto peso no jornal), agora ocupam menor espaço. Já o ex-editor pretende pedir ao proprietário do *Mirror* uma compensação pela demissão equivalente a três anos do salário que ganhava no jornal.

O primeiro ministro Tony Blair e o Ministro da Defesa declararam diversas vezes não existirem provas de que as tropas britânicas torturaram presos. No dia 18 de maio,

a Polícia Militar interrogou um número não divulgado de soldados que poderiam estar envolvidos na montagem das fotos. A assessoria afirmou que um soldado foi preso por não ter conseguido provar que não esteve envolvido com a montagem das fotos. O Ministro Adam Ingram disse que 25 investigadores estão trabalhando no caso e que as investigações continuam. Assim como as denúncias de tortura. O jornal britânico *The Guardian* publicou reportagem no dia 9 de maio em que uma fonte do exército britânico afirmou que a tortura denunciada pela imprensa americana na prisão de Abu Ghraib não é fato isolado. "É parte de um sistema de tratamento doentio e degradante dispensado por soldados das forças especiais que está se disseminando entre as tropas ordinárias e soldados rasos que não sabem o que estão fazendo".



Desculpas: "fomos vítimas de embuste"

Watergate nunca mais. Washington Post decreta fim do off

Na esteira de outros grandes jornais americanos que, para fazer as pazes com os leitores, tornaram mais rigorosas as regras quanto ao uso de declarações e fontes, o diário *Washington Post* anunciou em março a adoção de um novo manual de redação. Nele, o diário (que denunciou através do uso de fontes anônimas o escândalo de Watergate na década de 70), estabeleceu critérios que pretendem deixar menos corriqueiro o emprego desse recurso. No editorial dirigido aos leitores dia 8 de março, o editor executivo Leonard Downey Jr reconhece a necessidade de se manter a fonte incógnita em certas situações, mas afirma que a política do *Post* agora dá preferência às matérias baseadas em informantes que se expõem. Mesmo que para isso os repórteres tenham que evitar conversas *off the record* ou informar pelo menos um de seus editores sobre a procedência da notícia. "A cultura da fonte anônima nos meios de comunicação está disseminada", escreveu Downey Jr. "A promessa de sigilo reduz riscos para as fontes, mas também priva leitores de uma informação importante". O artigo também convida os leitores a reclamarem sempre que o *Post* sair da linha, enviando correspondência ao endereço virtual que o jornal destinou para esse fim.

Anunciar reformas no manual de redação foi o modo que jornais americanos encontraram para esclarecer os leitores sobre o método de produção das notícias. Deixar esse processo mais transparente se tornou necessário frente a escândalos como o de Jason Blair, ex-repórter

do *New York Times*, demitido em maio de 2003 após a descoberta de que dezenas de matérias de sua autoria haviam sido forjadas e plagiadas. Mas há o outro lado da moeda: as novas regras, similares às adotadas em fevereiro pelo *Times*, dificultam o trabalho de repórteres que cobrem a Casa Branca. O governo federal americano, especialmente durante o comando de George W. Bush, estreitou o canal de comunicação com a imprensa. O presidente se limita a dar declarações em raras coletivas e os funcionários do primeiro escalão têm o hábito de não retornar ligações de jornalistas. Nesses casos o manual de redação do *Post* não descarta informações garimpadas de assessores que preferem não se identificar. Mas há condições: a descrição do informante tem de ser a mais minuciosa possível e deve estar explícita na matéria a razão pela qual ele precisa ficar incógnito. Assim, expressões como "fonte ligada ao Senado" devem ficar mais detalhadas - como "assessor de senador democrata no Comitê de Comércio", por exemplo. Se a fonte possui um ponto de vista próprio, capaz de influenciar a credibilidade da informação, isso também deve constar no texto.

Essa política bate de frente com hábitos já difundidos entre jornalistas de Washington, onde as informações passadas em *off* por funcionários do governo têm termo próprio (*background briefings*, algo como relato de bastidor). A Casa Branca até recomenda aos funcionários encarregados de informar os repórteres que conversem *on background* - sem se identificar - e tenham o nome subs-

tituído pela expressão "funcionário da administração". Por isso há quem diga, como Jack Shafer, editor do sítio americano Slater de crítica à mídia, que o *Post* corre risco de perder furos para os concorrentes. Por outro lado, Downey Jr afirma não estar preocupado com o que chama de "pressões da concorrência", e diz que a meta do jornal ainda é ser o primeiro a noticiar, mas sem correr riscos que possam levar ao erro.

Em seu editorial, Downey Jr lembra que as fontes confidenciais já renderam furos de reportagem brilhantes ao jornal. Se não fossem informações conseguidas *off the record*, o *Post* não teria trazido à tona no ano passado as denúncias de maus tratos aos animais no National Zoo de Washington ou a contaminação na água distribuída no distrito de Washington. "Algumas fontes que têm informações importantes - muitas vezes dados necessários para responsabilizar pessoas e instituições poderosas por suas ações - estariam arriscando seus empregos ou mesmo sua segurança se fossem identificadas", admite o editor do *Post*. O novo manual do diário reserva espaço para manter em sigilo a identificação dessas fontes importantes, como a que revelou aos repórteres Carl Bernstein e Bob Woodward informações sobre o caso Watergate, e para quem o jornal deve boa parte da sua reputação.

Textos: Camille Bropp

A vontade política vem de ônibus

Sob chuva incessante e cantando em coro "queremos estudar, Ângela Amin não quer deixar", cerca de 500 estudantes secundaristas marcharam em direção à Câmara Municipal na terça-feira 25 de maio para acompanhar a votação da lei municipal conhecida como Passe-Livre. No entanto, tiveram de contentar-se em ouvir explicações sobre o adiamento do pleito para este projeto que, se aprovado, instituirá a gratuidade do transporte coletivo para todos os alunos de Florianópolis, sejam do ensino fundamental, médio ou superior, de instituições públicas ou privadas. A causa do adiamento foi a morosidade da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara, cujos membros não entraram em acordo sobre a constitucionalidade do projeto, ato indispensável para que a tramitação continue e seja levada definitivamente à apreciação da Casa.

Dos sete vereadores que compõem a CCJ, apenas dois haviam explanado até então suas posições a respeito do Passe-Livre. São eles Gean Loureiro (PSDB), contrário à criação da Lei, e Aloísio Piazza (PMDB), favorável ao projeto. No calor da manifestação estudantil do dia 25, outro vereador da Comissão resolveu se posicionar: assim como Piazza, João Batista Nunes (PFL) foi a favor da continuidade da tramitação. "Mas o projeto deve melhorar, e ser direcionado ao estudante carente", condiciona Batista.

O vereador Marcílio Ávila (PP), presidente da Câmara, irritou-se com a ausência de alguns parlamentares naquele dia frio e chuvoso, porém aquecido pelo pulso e berros dos estudantes enfurecidos. Preocupado com os ânimos exaltados dos secundaristas à porta da Casa, Ávila admitiu a presença de policiais a paisana no recinto, sob protesto dos vereadores de oposição. Marcílio Ávila tentava, em vão, chamar pelo celular os vereadores faltantes para que se manifestassem em público, inclusive oferecendo carona, caso precisassem.

Como mais ninguém veio, o jeito foi ceder à reivindicação do acadêmico de História da UDESC Marcelo Pomar, que negociava em nome dos estudantes, de permitir a entrada dos mesmos para ouvirem os esclarecimentos necessários sobre o adiamento da votação. Entraram cerca de 60, com a condição de deixarem suas carteiras de identidade com os seguranças da porta. Para acalmar a estudantada, pronunciaram-se os vereadores Márcio de Souza (PT), João Batista Nunes, Marcílio Ávila e Aloísio Piazza. Um tanto constrangidos, comprometeram-se perante os estudantes a concluir o parecer da CCJ na segunda-feira, 31 de maio. Para o vereador Gean Loureiro, essa promessa não será cumprida. "No dia 31, não será votado o parecer. O projeto seguirá para as comissões de Educação e Orçamento com essa pendência", revela.

Histórico do projeto – O projeto de Lei nº 9685/02, que pretende liberar as catracas dos coletivos de Florianópolis para os estudantes, é de autoria do vereador Márcio de Souza, em atendimento à diversas organizações estudantis apartidárias. A primeira versão foi arquivada em 2001 pela Comissão de Constituição e Justiça, presidida na época pelo vereador Gean Loureiro, que julgou a proposta como inconstitucional por transferir o ônus do benefício ao município. Atualmente, Loureiro admite a legitimidade do projeto, porém continua a defender sua inconstitucionalidade. "A Lei Orgânica municipal é clara: compete ao Executivo encaminhar iniciativas que toquem no orçamento da cidade", alega. "Não podemos criar a expectativa no estudante, aprovar o projeto, e depois correr o risco de vê-lo derrubado pela prefeita", Complementa.



Angela aprovou concessões do transporte público sem licitação, mas é contra projeto que quer liberar as catracas para estudantes

Projeto que pretende dar passe livre aos estudantes está parado em uma das comissões da Câmara enquanto vereadores discutem constitucionalidade

Quanto à suposta inconstitucionalidade de seu projeto, o vereador Márcio de Souza é contundente. "Em 99, a prefeita aprovou a concessão do transporte público por 10 anos. Não houve licitação, a regra foi burlada em detrimento de interesses pessoais", alfineta. Sobre a possibilidade do projeto esbarrar no Executivo, o líder estudantil Marcelo Pomar ironiza. "Se não é possível encaminhar um projeto por medo da prefeita, então para que existe Câmara de Vereadores?" Pomar não acredita que o Executivo encaminhe uma ação de inconstitucionalidade contra o Passe-Livre, pois seria uma medida impopular caso o projeto obtenha êxito em todas as instâncias anteriores.

Movimento estudantil – Apesar de ainda estar relativamente longe de um desfecho, o projeto do Passe-Livre já avançou bastante e os méritos desses avanços são dos estudantes, cujas mobilizações colocaram o assunto na pauta política municipal. O principal coletivo estudantil que batalha pela aprovação do projeto é a Tropa de Choque Cultural, organização apartidária composta por grêmios e outros grupos políticos da juventude. "Este nome é uma contraposição às Tropas de Choque militares. Fazemos nosso movimento com cultura, enquanto eles rebatem com violência", explica Marcelo Pomar.

A Tropa Cultural, cujo logotipo de um bonequinho chutando uma catraca já está ficando popular pela cidade, sobrevive basicamente com a venda de camisetas do movimento. Há também colaboradores fixos, como a advogada Rosângela Koerich, uma das estudantes presas no incidente da Novembrada (1979), que contribui com cerca de R\$ 50,00 mensais. Com a verba arrecadada, os estudantes produzem o material necessário para as mobilizações. Além disso, estudam a fundo a viabilidade do Passe-Livre. Por iniciativa deles, foi elaborado um documento que aponta as possíveis fontes de financiamento da proposta, depois que o projeto de Lei foi arquivado em 2001 pela falta de clareza sobre como custeá-lo.

Para não quebrar as contas da cidade, o projeto propõe que o custeio do Passe-Livre seja bancado através de um Fundo do Transporte, constituído pelas multas de trânsito, pelo IPVA e pelo Zona Azul, além das publicidades nos vidros de ônibus e

nas paradas dos coletivos e repasses do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) e Cide (Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico, cobrado sobre combustíveis). "O cidadão comum, que não tem carro, também paga pela infra-estrutura viária da cidade. De alguma forma, ele também deve ser ressarcido por isso", aponta Márcio de Souza. O acesso livre dos estudantes aos coletivos necessita de R\$ 18 milhões por ano, segundo o autor do projeto.

O Passe-Livre é visto com ressalvas pelos trabalhadores, inconformados por não possuírem o mesmo direito. O financiamento do benefício através do Fundo do Transporte, no entanto, contribuiria para a redução da tarifa, segundo Márcio de Souza. Isso porque o direito ao meio-passe estudantil, já existente, é bancado pelo usuário comum, o que não aconteceria caso outras fontes de recursos bancassem o passe integral. Além disso, um pai de família com 3 filhos na escola deixaria de gastar, em média, R\$ 150,00 por mês com o transporte dos estudantes.

"Minha irmã teve que trancar a faculdade", conta a estudante secundarista Ketilyun Búrgio, explicando as dificuldades em cobrir as despesas com ônibus da Tapera (sul da ilha) ao continente, somadas às mensalidades da universidade particular.

Passe-Livre já é realidade – Na cidade de Maringá (PR), o Passe-Livre atende diariamente cerca de 21.000 estudantes. Para ter acesso ao direito, o estudante, que pode ser de ensino médio, fundamental ou superior, precisa residir a uma distância mínima de 1,5 quilômetros da instituição de ensino. Os beneficiários devem se

recadastrar no início de cada ano e comprovar a frequência escolar mínima exigida por lei.

Em Cuiabá (MT), 50.000 estudantes beneficiam-se da catraca livre em horários específicos, relativos ao turno de estudos. O vereador Milton Rodrigues (PMDB) apresentou à Câmara municipal, no início de maio, um projeto de Lei para garantir o direito em qualquer horário, para os estudantes que necessitem permanecer na escola para concluir seus trabalhos, dentre outros motivos. Os estudantes de pós graduação da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) foram incluídos recentemente no direito ao Passe-Livre.

Em todo o estado do Amapá, os estudantes não pagam o coletivo desde 2001, quando foi aprovado o projeto de Lei Complementar 001/01. O custeio do benefício é rateado entre o governo estadual e as prefeituras, cada um colaborando com 40%, e as concessionárias do transporte público, responsáveis pelos 20% restantes.

Fernando Angeoletto



Dia 25: pressão de 500 estudantes em nome de milhares



Casa do povo exigiu documentos e acesso restrito do eleitor

Do tambor às paradas de sucesso

Livro conta nascimento do *reggae*, que originou o *hardcore*, o eletrônico e o *rap*

Se você adora ir numa *rave* para escutar um som eletrônico, curte andar de *skate* ao som de um *hardcore*, ou ainda ama músicas remixadas, talvez não saiba, mas você também tem um pé na Jamaica". A frase é do jornalista Emerson Gasperin, autor do livro *Reggae* (Editora Abril, 110 páginas, R\$ 15,00) que vai ser lançado no final de maio. Além da história, o autor, que foi editor-chefe da extinta revista *ShowBizz* e ex-aluno do Curso de Jornalismo da UFSC, incorpora uma lista com 50 CDs comentados, um glossário para entender alguns termos e ainda um epílogo que conta o que aconteceu com os principais personagens que fizeram parte do nascimento do *reggae* com Giselle Tiscoski Bob Marley, Peter Tosh, Lee Perry, Chris Blackwell, entre outros. É o 24º livro da coleção *Para saber mais* da revista *Super Interessante* e está sendo vendido somente em bancas de jornais.

Emerson Gasperin conta a história do *reggae* desde os primórdios na Jamaica até hoje. Foram seis meses de pesquisa com base em livros específicos, quase todos estrangeiros. Isso, porque no Brasil, segundo ele, só existe uma obra que trata da origem jamaicana do gênero - *O eterno verão do reggae* do jornalista Carlos Albuquerque. O convite para escrever surgiu de uma ligação da editora Abril, "fiquei feliz, pois os caras foram me achar aqui em Floripa", comemora o jornalista. Gasperin confessa que há alguns anos odiava *reggae*, que não podia ver um disco que começava a xingar. Para ele a descoberta do gênero foi algo místico, "depois que eu escutei o álbum *Legend* do Bob Marley, um vinil da mãe de um amigo, minha vida mudou. Antes eu só escutava música pesada como *heavy-metal* e tudo dava errado para mim".

A pesquisa do autor revelou ainda que mais do que um ritmo jamaicano, o *reggae* influenciou muitos outros estilos de música no mundo. "Tudo que é considerado moderno na música



História do reggae e lista dos 50 melhores CDs

pop veio da Jamaica". O *hardcore* veio do *ska*, estilo musical jamaicano da década de 50 que antecedeu o *rocksteady*, estilo de transição para o *reggae*. O *rap*, nada mais é que o *toast*, uma espécie de canto falado em cima de ritmos jamaicanos da década de 60. Os *toasters* já duelavam naquela época, igual como fazem os *rappers* de hoje. A música eletrônica que embala as *raves* já era tocada nos anos 70, quando o *dub*, *reggae* psicodélico, surgiu. O primeiro DJ do mundo foi um jamaicano chamado Kool Herc.

Para contar a história do *reggae*, Gasperin precisou falar sobre os ritmos jamaicanos que o antecederam. O livro começa com os rituais chamados *Pocomania* ou *Kumina*, espécie de candomblé brasileiro. Neste ritual havia os *burrodrums* que eram três tambores que constituíram o primeiro ritmo da Jamaica. Na década de 50, apareceu o *mento*, considerado oficialmente o primeiro estilo musical da Jamaica. O *mento* era a versão jamaicana da música latina caribenha como o calipso e a rumba. Depois surgiu o *ska*, uma espécie de mistura do *mento* com gêneros americanos *rhythm & blues*, *soul* e jazz. Na época, algumas rádios do sul dos Estados Unidos podiam ser ouvidas na Jamaica e isso influenciou o surgimento do *ska*. Nos anos 60, a junção entre a cultura rastafari e os *rudboys* fez nascer o *rocksteady*, ritmo de transição para o *reggae*. Em 1968, os *Maytals* gravaram a música *Do the reggay*, primeira vez que aparece o termo que hoje conhecemos por *reggae*. Uma das versões para o surgimento da palavra *reggae* é que viria de *strenggae*, gíria jamaicana para puta.

Além dos ritmos, ele precisou falar sobre o próprio contexto sócio-político-econômico do país. Isso porque para ele, a história do *reggae* confundiu-se com a história jamaicana. O gê-

nero nasceu numa época em que havia muita pobreza na Jamaica, as pessoas estavam revoltadas com o governo, a cultura rastafari, que surgiu em 1930 com Marcus Garvey, tomava conta da população e os *rudboys*, jovens rebeldes dos guetos, se proliferavam. Em 1965, o governo jamaicano, preocupado com a invasão dos *rastafaris* no país, convidou Haile Selassie, o imperador da Etiópia, considerado o Deus dos *rastas*, o *Jah*, para tentar mostrar para seus seguidores que ele não passava de um mero ditador - o que, de fato, foi. Nada disso adiantou, e o número de *rastas* no país continuou se expandindo.

A cultura rastafari foi muito importante para o nascimento do *reggae*, isso porque Bob Marley era um *rasta*. Marley chegou a fazer músicas antes de virar *rasta*, mas nenhuma fez sucesso. Ao lado de Peter Tosh e Bunny Livingston, o compositor e vocalista formou um trio vocal no começo da década de 60, depois chamado de *Wailers*. O grupo juntou-se aos *Upsetters*, banda do produtor Lee Perry, criador do *dub*, que em 1967 ficaram em quinto lugar na parada inglesa. No final dos anos 60, *Bob Marley and The Wailers* conseguiram fazer sucesso com o disco *Catch a fire*. Depois deste disco foi um sucesso atrás do outro. Bob Marley difundiu o *reggae* e transformou-se num dos cantores mais populares do mundo. Com a música de *Bob Marley and The Wailers*, o gênero passou a atingir várias tribos. Para Gasperin, um dos empurrões que levaram o *reggae* ao sucesso foi o fato da música *Concrete jungle*, do disco *Catch a fire*, ter começado com o solo de guitarra. "Isso chamou a atenção das pessoas que gostavam de rock". O outro empurrão foi o guitarrista Eric Clapton ter gravado *I shot a sheriff*, música do segundo disco do Bob Marley, chamado *Burnin'*.

O livro de Gasperin é a quarta edição sobre música, lançada pela coleção *Para saber mais* da Editora Abril. As outras foram sobre os Beatles, sobre rock e sobre música eletrônica. A série de livros já abordou assuntos variados como maconha, yoga, MP3, carnaval, Dalai Lama, entre outros. O primeiro volume foi lançado em dezembro de 2002. O livro sobre maconha, do jornalista Denis Russo, foi o que mais vendeu até hoje, 12 mil exemplares. "Se eu conseguir vender a metade do que Dennis vendeu, eu já estou satisfeito", confessa Gasperin.



Gasperin: guri, odiava o gênero

Giselle Tiscoski

Autor foi aluno da UFSC e editor da revista Bizz

Inside, Empreendedor, O Estado de São Paulo, Carícia, Gazeta Mercantil, Showbizz, Frente, estes são alguns dos meios impressos em que o jornalista Emerson Gasperin, já trabalhou. Nasceu em Porto Alegre em 1970, mas logo se mudou com a família para Laguna. Formou-se em jornalismo em 1993 pela UFSC, e seu trabalho de conclusão de curso foi o *fanzine Futio*, que se tornou, segundo críticos, o melhor do Brasil. Em Florianópolis, trabalhou nas revistas *Inside* e *Empreendedor* e na Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina. Em março de 1995 foi para São Paulo e lá, seu primeiro emprego foi o de diagramador na *Revista ABQM*, especializada na raça de cavalos quarto de milha. Na extinta revista *General*, foi editor de música. Aos 24 anos foi contratado como repórter do caderno *Zap de O Estado de São Paulo*. No *Estadão* ganhou, num trabalho de equipe, o Prêmio Esso Especial Infância e Adolescência. Sua participação no prêmio foi por duas reportagens, uma sobre os filhos dos desaparecidos políticos no período da ditadura e a outra sobre prostituição infantil em Vitória. "A prostituição infantil já não era mais novidade no Brasil. O que marcou a reportagem foi o fato das crianças terem sido queimadas depois. Além disso, foi um trabalho muito perigoso, pois era para eu ficar uma semana e acabei ficando apenas três dias por causa de ameaças de morte". Saiu do *Estadão* para ser editor da revista *Explosão*, da Editora Símbolo. Também trabalhou na sede do *Gazeta Mercantil*, como repórter e editor do caderno especial *Relatórios*. Trocou o jornal pela revista *Bizz* da Editora Abril, ocupando o segundo cargo mais importante da hierarquia e logo foi promovido a editor-chefe. A *Showbizz*, antiga *Bizz*, durou 14 meses, quando a Símbolo ofereceu o controle da publicação para a Abril, que rejeitou a oferta. A experiência da *Showbizz* fez com Gasperin resolvesse, com mais dois amigos montar a editora R.E.M., iniciais dos três sócios. Apesar da falta de investimentos, ele e seus sócios resolveram lançar uma revista sobre música, totalmente ousada para os padrões brasileiros. Surgiu a *Frente* feita em parceria com a Editora Ágata, proprietária da revista *DJ World*, editada pela R.E.M. A proposta era mostrar o mercado musical independente, com suas atitudes e cultura alternativa. A revista vinha junto com um CD com músicas de bandas e grupos emergentes. A *Frente* durou apenas quatro edições. "Antes que nós falássemos, resolvemos acabar com ela", lamenta. "Para lançar uma revista, tem que se ter a ideia de que se está lançando um *hit*, uma música que vai estourar", garante. Além disso, ele defende que uma publicação tem que ser pensada como um negócio. "O jornalista tem que parar de buscar somente o 'furo', e pensar no sucesso comercial". Depois de ter passado por todos os processos de uma publicação, Gasperin garante que domina todas as etapas e o que ele mais gosta de fazer é a edição. "Gostaria de montar uma editora de livros". Ele enfatiza que a formação no Curso de Jornalismo da UFSC foi muito importante. "O pouco que conheço foi graças ao curso". Atualmente, além de lançar o livro *Reggae*, ele produz e assina todas as terças uma coluna do *Correio Popular* de Campinas, que faz desde maio de 2000. (GT)

TRECHO

Cultura rastafari se espalha no embalo do novo som que surgia

A cena musical da Jamaica fervilhava no embalo das broncas entoadas pelos *rude boys*. O corpo sacudia com as batidas. A mente, com as mensagens sociais dos versos. E o coração com o rastafarianismo que impregnava algumas letras. A conexão ritmo-religião não era inédita na ilha. Desde os anos 50, com a situação social em constante ebulição, os preceitos do culto que avançava na zona rural enriqueciam as letras de artistas como Mellow Larks, Buty & Cool e Clansy Eccles. Sua origem remonta à década de 30, com os sermões do sindicalista e pastor evangélico Marcos Mosiah Garvey, um descendente de maroons que estruturava seus discursos em credos africanos, cristianismo fundamentalista, orgulho racial e política.

Para os crentes, uma interpretação peculiar do Velho Testamento justificava quase tudo: o uso ritual da maconha, o paraíso na Etiópia, o filho de Deus negro. O que não estava nas Escrituras era fornecido pela retórica de Garvey, a quem se atribuiu a profecia de que o sinal da redenção seria a coroação de um rei negro na África. Donde não foi difícil juntar as peças e reconhecer a chegada do messias que iria salvá-los na ascensão de Ras Tafari Makonnen ao trono imperial da Etiópia, em 1930. O soberano pertencia à 225ª geração descendente de Davi, vinha da linhagem de reis etíopes que se ramificou de Salomão e assumiu a alcunha de Haile Selassie (Poder da Trindade). Os fiéis adotaram seu nome (*ras* é um título da nobreza etíope) e a certeza de que deveriam voltar ao continente africano. Como os judeus, os negros se libertariam e seriam conduzidos para uma vida digna em sua terra natal.

A essa altura, Garvey já havia fundado a *Universal Negro Improvement Association*, o jornal *Negro World* e a companhia de navegação *Black Star Line*, para repatriar os irmãos (!). A Babilônia - o mundo de perdição dos brancos, para os rastafáris - não viu a coisa com a mesma empolgação. Em 1941, policiais invadiram a Sociedade para a Salvação da Etiópia, uma das organizações dos rastafáris em Kingston, destruíram sua plantaçã de maconha e prenderam seus chefes. A repressão não conteve o crescimento da cultura rasta, que atraía cada vez mais adeptos em uma Jamaica à beira da convulsão. O governo teve uma brilhante ideia para esvaziar o movimento. Convidou Selassie para visitar a ilha na certeza de que a presença do baixinho em carne e osso desmoralizaria o papo de divindade. Aconteceu o contrário.

Em abril de 1966, mais de 100 mil pessoas causaram tumulto no aeroporto de Kingston, esperando o Rei dos Reis, Senhor dos Senhores, Eleito de Deus, Leão Conquistador da Tribo de Judá descer à terra. Selassie permaneceu três dias no país, mais ocupado com rapapés oficiais do que em contato com a multidão que o adorava. Esse comportamento, digamos, ponderado não afetou em nada a fé que o povo nutria por Deus, que chamava de *Jah* (contração de Jeová). A completa desobediência ao Estado dos rastafáris fascinava os *rude boys* e se alastrava pelo *rocksteady*. A equação da música jamaicana preparava-se para acrescentar mais um "R", de *reggae*.

O baterista que ganhou o mundo

Robertinho Silva é um desses artistas geniais pouco conhecidos no Brasil que tiveram a honra de ganhar o mundo.

Nascido em 1941 em Realengo, subúrbio carioca, começou a tocar bateria por conta própria. Tanto aprendeu que seu talento foi reconhecido por mestres do jazz como o saxofonista Wayne Shorter, um dos integrantes do quinteto de Miles Davis na década de 70 e um dos fundadores da memorável banda Weather Report. Foi através de Shorter que Robertinho foi parar em Nova York, onde incluiu em seu currículo participações em discos de artistas do calibre de Paul Horn, Sarah Vaughn, e George Duke. Não menos célebres foram os músicos que Robertinho acompanhou no Brasil. Com Milton Nascimento foram 25 anos de parceria. Gilberto Gil, João Donato, Gal Costa, Toninho Horta, João Bosco e vários outros também requisitaram a percussão implacável de Robertinho em discos e apresentações.

Robertinho Silva esteve em Floripa no dia 23 de abril. No bar Drakkar, realizou oficina exclusiva para inscitos e deu uma *canja*, e que *canja* (!), com músicos locais. De roupa de seda brilhante com bolinhas pretas e boina, o sorridente Robertinho parecia um rei africano. Antes do show, sorvia doses bem servidas de uísque envelhecido 12 anos, enquanto contava histórias humoradas dos bastidores de sua carreira. Também mostrou-se um galanteador: não dispensava mimos nem mesmo à garçonete que o servia. Quando enfim alojou-se em seu trono, a banqueta de baterista, revelou sua verdadeira identidade. No percutir incessante de pratos e tambores, agia como um monstro dotado de sutilezas. Chegou a emendar um autêntico maracatu pernambucano, "tirando" da bateria todos os instrumentos do ritmo, no meio de um jazz americano. Quando requereu-se interpretando outro jazz, parou tudo, simulou o toque de um telefone no *cowbell*, e atendeu: "alô mamãe, estou aqui em Itajai." Um erro geográfico, mas um fenomenal acerto de um gênio muito à vontade com a própria música.

Zero- Você se auto-define como um músico representativo da bateria brasileira com influências do jazz americano. Gostaria que você comentasse essa afirmação.

Robertinho Silva- Minha formação musical é "de ouvido". Tenho influências dos bateristas americanos e dos brasileiros também, não é só influência americana. Fui encantado pelo jazz, pra variar, por causa da bateria. Através do cinema também a bateria de jazz me fascinou, no início mais do que a bateria brasileira. Eu sou contemporâneo dos bateristas da década de 40 e 50, e fiquei impressionado quando percebi a diferença entre a bateria americana e a brasileira.

Z - Foi isso que te motivou a passar uma temporada nos EUA, de 1974 a 1978?

RS- Não, isso já foi outra história. O que me fascinou foi ter tocado com um grande ídolo meu, o [compositor e saxofonista americano] Wayne Shorter, o grande compositor do trabalho do Miles Davis. Através do Shorter fui parar nos Estados Unidos. E foi a realização de um sonho também, no fundo eu pensava: quando será que vou chegar lá, chegar em Nova York, tocar com esses caras, ou mostrar pra eles como eu toco? E foi uma coisa que eu consegui.

Z - E como foi o contexto desta ida aos EUA? Conta um pouquinho mais dessa história.

RS- Então, foi assim em 72 para 73, quando eu me apre-



Músico já tocou com lendas do jazz mas é desconhecido no Brasil

A percussão implacável de Robertinho empolga outros músicos na Lagoa

sentava no Rio de Janeiro com Milton Nascimento e o [conjunto] Som Imaginário. O Wayne Shorter, na mesma época, estava tocando com sua banda no Teatro Municipal, e queria conhecer o Milton por causa do [disco gravado em 68 nos EUA] *Courage*. Ele [Wayne] cancelou a estréia do seu espetáculo para nos assistir, e foi com a banda toda. Por sorte nossa estávamos nos apresentando na mesma época. Ele pegou no meu braço e me olhou no olho, e eu falei, 'pô, você é meu ídolo'. No dia seguinte chegou a notícia que Wayne Shorter estava nos convidando para gravar com ele. Ele queria fazer um disco só com composições do Milton. Aí foi minha ponte para Nova York, para a Califórnia. Eu me hospedei na casa dele e tal. Minha bateria fascinou ele, não sei como.

Z - Você tem tocado com quem atualmente além da banda Os Silva?

RS- Eu trabalhei com o Milton até 98, até o projeto *Tambores de Minas*. Aí, logo em seguida fui trabalhar com o João Bosco, fizemos uma turnê pelo Brasil e por toda a Europa, e dessa época pra cá eu resolvi cuidar da minha carreira solo. Então, faço oficinas pelo Brasil todo e tenho meu trabalho solo. Às vezes, faço trabalho com a família Silva. No ano retrasado participei do



Show de bateria e humor: imita um telefone e diz "Mãe, tô em Itajai"

festival de jazz em Cascavel (PR) com a família toda. Atualmente, fora da carreira solo, eu toco com Toninho Horta e João Donato. Com Toninho eu tenho um trabalho de duo, com voz, guitarra e percussão.

Z - E o Centro Alternativo de Percussão que você criou no Rio de Janeiro?

RS- Faz dois anos que está desativado. Agora em janeiro faz três anos que o Guto Goffi, baterista do Barão Vermelho, abriu uma escola maravilhosa lá no Rio, chamada Maracatu Brasil. Na época eu morava na praia, no Recreio dos Bande-

rantes, e então com o avanço do tráfego de carros, do trânsito, ficou difícil para as pessoas chegarem lá [no Centro Alternativo de Percussão]. Eu recebia mais estrangeiros que brasileiros. Então eu desativei a escola na praia do Recreio e passei a dar meus cursos na Maracatu Brasil. Eu estou me reorganizando agora para reabrir o Centro de Percussão Robertinho Silva.

Z - Como percussionista, você criticou as escolas de samba cariocas por terem abolido o agogô. Qual a falta que este instrumento faz para as baterias?

RS- Na verdade, devido à cadência do samba, hoje em alta velocidade. Porque, infelizmente, existe competição ainda, tem aquele relógio que cobra uma hora e 10 minutos pra escola desfilar, então o andamento da batida do samba ficou muito rápido, e a transmissão por TV também limitou muito, é uma coisa que gera muita grana, a coisa ficou excessivamente comercial. Hoje você não vê mais prateleiros, as pessoas que tocavam prato na escola de samba, e a única escola que preserva o agogô é a Império Serrano. Uma coisa que também mudou nas escolas de samba, por exemplo, é que a comissão de frente antigamente era com os mestres. Hoje em dia não, hoje em dia o abre-alas é um balé, são contratados coreógrafos. Eu acho até bonito pra caramba, mas eles deveriam continuar preservando os instrumentos mais antigos, como o agogô, deveria ter uma ala de agogô. E preservar também os grandes mestres das escolas de samba, fazer a abertura e depois vir o balé, os estudos coreográficos da dança contemporânea. Por que a abertura agora é uma dança contemporânea? Eu não sou contra, mas deveriam preservar as coisas que deram vida ao samba.

Z - Por falar em samba, o ministro Gilberto Gil e o antropólogo Antônio Augusto Arantes, presidente do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) estão encaminhando um projeto para a Unesco propondo que o samba se torne patrimônio cultural da humanidade. O que você acha disso?

RS- Eu não tinha conhecimento, mas considero o samba como uma religião. Eu acabei de dar um *workshop* e falei que tocar samba é difícil. Segundo o baterista Edson Machado, um dos maiores bateristas da bossa-nova, que foi meu mestre dentre os bateristas brasileiros, eu aprendi tudo com ele, através de discos, ele foi considerado o inventor do samba do prato, ele teve uma ousadia nos anos 50 porque o Luciano Perrone, que é o papa da bateria brasileira, sempre falou que na bateria brasileira não existe prato. Bateria brasileira se toca nos tambores, nos couros, esse negócio de bateria com pratos é coisa de americano. Então o Edson revolucionou a bateria brasileira tocando samba no prato, com conotação jazzística. Mas a pergunta era sobre... patrimônio cultural da humanidade né, eu acho que o samba está dominando o mundo, o europeu já está dominando o samba, o samba de raiz, o samba enredo. Os americanos ainda ficam a desejar, mas eles estão muito interessados, acho que isso tem que acontecer mesmo, eu aprovo a idéia desse projeto.

Z - E a oficina que você deu aqui, como foi? O que você achou dos músicos inscitos?

RS- Pelo fato de ser sexta-feira, o dia de ganha-pão dos músicos, não houve uma participação muito grande, porque a garotada têm que trabalhar. De qualquer maneira, me interessa, me alimenta o método que eu estou montando agora sobre ritmos brasileiros em forma de rudimentos, de exercícios técnicos, porque nós brasileiros sempre ficamos dependentes do método americano. Então, não só eu como outros bateristas mais velhos também estamos passando rudimentos em cima do ritmo brasileiro. Para mim, de qualquer maneira, é importante, isso alimenta minha dedicação que tenho atualmente sobre o ritmo brasileiro, não só na bateria como na percussão, porque para mim é a mesma coisa, eu acho que o baterista brasileiro não pode dizer que é só um baterista, ele agora pode dizer que é um percussionista brasileiro, porque é só no Brasil que existe essa diversidade de percussão, nem na África nem em outro lugar do mundo é igual.

Z - Foi sua primeira passagem por Florianópolis?

RS- Não, já vim aqui outras vezes, com o Milton, já toquei aqui ao lado de Borghettino, Nivaldo Ornelas, Paulinho Nogueira no projeto *Tom Brasil*, um projeto muito bonito realizado pelo Banco do Brasil. Há muitos anos atrás vim com a Gal Costa também, acho que foi no início da década de 70. E participei do primeiro encontro de bateria que teve em Florianópolis, que foi no início dos anos 90.

Entrevista por Fernando Angeoletto